



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA

Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

**ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ, PARAÍBA.**

**GUARABIRA – PB
2018**

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

**ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves.

GUARABIRA – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D155e Damascena, Leandro Nascimento.
Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades rurais do município de Jacaraú, Paraíba. [manuscrito] / Leandro Nascimento Damascena. - 2018.
45 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves, Departamento de Geografia - CH."
1. Etnobotânica. 2. Plantas medicinais. 3. Caatinga. I.
Título

21. ed. CDD 615.321

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ/PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora, no
curso de Licenciatura Plena em
Geografia pela Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito à obtenção
de título de graduado em Geografia.

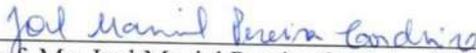
Área de concentração: Conservação
do Meio Ambiente e Sustentabilidade
dos Ecossistemas

Aprovada em: 29 / 11 / 2018.

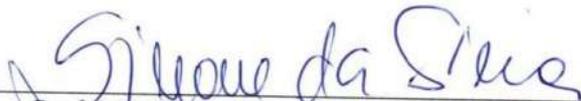
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves – Orientador – UEPB/CH/DG
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Joel Maciel Pereira Cordeiro (UEPB)
Mestre em Agronomia - UFPB



Prof. Ms. Simone da Silva (UEPB)
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFPB

Aos meus pais, Dárcio e Marlene, minhas avós Eunice e Marli (*in memoriam*), meu avô Zeca, meus irmãos Léo Jaime e Laryssa, e minha amada Érika, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pela renovação da força espiritual nos momentos de fraqueza, sem a qual não teria conseguido vencer esta batalha, à este agradeço pela vida, por minha família e por todos aqueles que trilharam e comemoraram comigo cada nova vitória durante esta caminhada.

Aos meus pais, José Dárcio Damascena e Marlene Jacinto do Nascimento, que mesmo diante de todas as adversidades da vida se mantiveram fortes e dedicados na criação de seus filhos, por todo amor, carinho e educação que me deram.

À Érika dos Anjos, minha amada, que esteve comigo durante toda a jornada acadêmica, me incentivando, mostrando-me que todas as dificuldades podem ser vencidas, a ela devo minha paixão pela leitura e pela sala de aula. Obrigado pelos momentos maravilhosos que vivemos dentro e fora da universidade, os quais continuaremos compartilhando, com mais frequência a partir de agora.

Aos meus irmãos Léo Jaime e Laryssa, quais estão comigo desde o princípio, enfrentando os obstáculos da vida na busca de um futuro melhor, breve chegará o momento em que olharemos para trás e veremos que tudo valeu a pena.

Ao meu professor e orientador Carlos Antonio Belarmino Alves, que apesar de não nos conhecermos, aceitou o desafio de me orientar. Obrigado por todos os conhecimentos e pela troca enriquecedora, você é um excelente profissional, sempre alegre e disposto a ajudar.

À Tereza Ribeiro, pela amizade sincera, por todas as gargalhadas e momentos que compartilhamos durante esta caminhada. Obrigado pelo auxílio de sempre, você é uma das poucas pessoas que levarei da universidade para a vida.

À Bruno Lemos meu amigo/irmão, que está ao meu lado a mais de uma década, me apoiando e auxiliando no que é possível, agradeço por tudo que você já fez por mim e por tudo que vivemos durante todo este tempo, conte comigo para o que precisar.

À Fabiano, Paulo e Leandro, amigos de longas datas, que sempre acreditaram no meu potencial. Vocês são os poucos amigos que tenho, mas com certeza são os melhores.

Aos amigos da Turma de Geografia 2013.1, Akyssiane, Claudiano, Edmilson, Emerson, Ênio, Érika, Dannyelle, Nayra, Shuelden, por todos os conhecimentos, brincadeiras e risadas que compartilhamos durante esta jornada. Vocês são pessoas especiais, com as quais quero manter contato.

À Angélica Fernandes, pelo auxílio na produção dos mapas desta pesquisa. Obrigado pela dedicação e preocupação em sempre fazer o melhor.

À Paulo e Rosemary, que se tornaram meus segundos pais. Obrigado pelo zelo e preocupação que vocês têm para comigo.

À Luis, que sempre acreditou no meu potencial e torceu para que eu concluísse a graduação, agradeço por todas as oportunidades e conselhos que você me deu, aprendi muito com você.

Aos moradores das comunidades rurais de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, do município de Jacaraú-PB, pela receptividade e contribuição de todos para com a realização desta pesquisa, sem a ajuda de vocês a mesma não poderia ser concluída.

À todos os professores que deram sua contribuição ao longo de minha formação, me espelharei nos melhores para ser o melhor. Que esse país um dia saiba reconhecer o valor da nossa profissão.

À todos (as) vocês, meu muito obrigado!

“O fim é nada, o caminho é tudo.”

(Monteiro Lobato)

RESUMO

A etnobotânica é a ciência que estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às propriedades medicinais destas, vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas. A utilização de plantas para fins medicinais é uma cultura milenar que esteve ligada a humanidade desde os seus primórdios, onde os homens utilizavam as plantas para sanar suas enfermidades. Esta pesquisa objetiva fazer um inventário de plantas utilizadas como fontes medicamentosas, pelos moradores das comunidades de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, localizadas na zona rural do município de Jacaraú, Paraíba, Nordeste do Brasil. Esta área é uma faixa de transição entre a Zona da Mata e a Caatinga, caracterizando assim o Agreste. Desse modo, nos propomos a identificar principalmente as espécies da Caatinga que servem de fonte medicamentosa para os moradores da região. Foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 12 mulheres e 8 homens, com idades entre 45 e 78 anos, os quais informaram por meio de entrevista semiestruturada as espécies medicinais, partes das plantas utilizadas, bem como modos de preparo e indicações. No total, 60 espécies de plantas foram citadas, identificadas e distribuídas em 40 famílias botânicas, a família Fabaceae foi a que apresentou o maior número de espécies. A parte mais citada pelos informantes no preparo dos medicamentos foi a folha, e o modo de preparo o chá por decocção. A maior parte das espécies citadas são nativas da região do Nordeste do Brasil.

Palavras-chaves: Etnobotânica; Plantas medicinais; Caatinga.

ABSTRACT

Ethnobotany is a science that studies the interrelation of man with plants, trying to understand how the knowledge concerning the medicinal properties of these has been transmitted over time, and how they are explicit in different cultures. The use of plants for medicinal purposes is a millenary culture that was linked for humanity from the beginning, where men used plants for heal their needs. This research aims to make an inventory of plants used as drug sources by the residents in the Marfim, Lagoa da Mata, Marcação and Bacalhau, communities of the municipality of Jacaraú, Paraíba, Northeast of Brazil. This area is a transition zone between umid forest and the caatinga, characterized by Agreste. Thus we propose to identify mainly the species of caatinga that serves as a drug source for the residents of the region. Were interviewed 20 people, being 12 women and 8 men, aged between 45 and 78 years, who reported through a semi-structured interview the medicinal species, parts of the plants used, method of preparation and indications. Duerall, 60 species of plants were mentioned, identified and distributed in 40 botanic families, the family Fabaceae was the one that presented the largest number of species. The most cited part of the imformants in the preparation of the medicaments was the leaf and the preparation of the tea by decoction. Most of the species cited are native of the Northeast region of Brazil.

Key-words: ethnobotany; medicinal plants, caatinga.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
Cc	Casca do caule
Cf	Casca do fruto
CPRM	Serviço Geológico do Brasil
E	Exótica
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Fo	Folha
Fl	Flor
Fr	Fruto
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
N	Nativa
NC	Número de Citações
O	Origem
PSF	Programa Saúde Familiar
PB	Paraíba
Ra	Raiz
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
Se	Sementes
UBS	Unidade Básica de Saúde

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa de localização das comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, Região Oeste do município de Jacaraú/PB.....	20
--	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos entrevistados por profissão.....	25
Gráfico 2 - Famílias botânicas que apresentaram o maior número de espécies citadas.....	26
Gráfico 3 – Espécies da flora mais citadas pelos entrevistados nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau.....	27
Gráfico 4 – Parte das plantas mais utilizada no preparo de medicamentos.....	28
Gráfico 5 - Modo de preparo utilizado para fitoterápicos.....	30

Lista de Fotos

Fotos 1, 2 e 3 - Espécies mais citadas pelos entrevistados, registros em propriedades nas comunidades Marfim e Lagoa da Mata.....	28
Fotos 4 e 5 - Extração de partes das espécies mais citadas para o preparo de medicamentos, comunidade Marfim, Jacaraú/PB.....	29

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Plantas medicinais empregadas no tratamento de enfermidades pelos moradores das comunidades rurais de Jacaraú/PB.....	32
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Etnobotânica conceitos e antecedentes históricos.....	14
2.2 Conhecimento tradicional e etnobotânica.....	17
2.3 Caracterização e conservação da Caatinga.....	18
3. MATERIAIS E METODOS.....	19
3.1 Caracterização da área de estudo.....	19
3.2 Metodologia e coleta de dados.....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O uso de plantas para fins medicinais faz parte de uma cultura milenar que tem suprido as necessidades do homem no que se refere ao tratamento de diversos tipos de doenças. O homem primitivo dependia essencialmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das propriedades medicinais das plantas para curar-se (ALMEIDA, 2011). A relação homem/plantas tem se tornado objeto de estudo de diversas ciências como da ecologia, botânica e principalmente da etnobotânica.

A etnobotânica é a ciência que estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às aplicações fitoterápicas vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas (ALBUQUERQUE, 2005; MARTINS, 2012).

A etnobotânica pode ser compreendida como a ciência que estuda a inter-relação direta entre povos culturais e as plantas do seu meio. Aliando-se fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (ALBUQUERQUE, 2005). Dentro da etnobotânica, os conhecimentos sobre plantas medicinais são adquiridos naturalmente através das gerações de forma oral e tradicionalmente vão se perpetuando ao longo do tempo sem a necessidade de registros escritos.

Esses conhecimentos tradicionais relacionados às plantas medicinais constituem a base da medicina popular no Brasil, a qual é uma mistura de diversas culturas como a indígena, originária do país, europeia e africana, provenientes do período da colonização (MARTINS et al., 2000; CARTAXO, 2009). Diante da importância deste conhecimento, faz-se necessário um resgate das práticas tradicionais e populares no que se refere à utilização, manejo e conservação de fitoterápicos.

A pesquisa em etnobotânica possui diferentes metodologias de pesquisa pré-estabelecida, entre estes métodos está à observação participante e a técnica de lista livre, utilizada na realização desta pesquisa (ALBUQUERQUE et al., 2010). Por se tratar de uma ciência multidisciplinar, esta se combina com os sistemas conceituais da Antropologia cultural, Botânica e Ecologia (ALBUQUERQUE, 2005). Cabendo ao pesquisador promover meios para o resgate de conhecimentos e valorização das práticas tradicionais empregadas pelas pessoas da área em estudo, em relação aos conhecimentos fitoterápicos.

Dentre os biomas brasileiros, a Caatinga distingue-se por apresentar uma grande diversidade de plantas medicinais já consagradas pela farmacopeia, entretanto, o conhecimento popular sobre essas plantas, embora rico de informações, ainda é frequentemente mal aproveitado (MARTINS, 2012). A nossa investigação tem como finalidade, resgatar o conhecimento empírico, quanto ao uso e a conservação das plantas medicinais da Caatinga nesta área de transição entre o Agreste e a Zona da Mata, o que justifica a importância da pesquisa, visto que, são os poucos estudos realizados nesta área com base na etnobotânica.

A pesquisa é justificada por resgatar o conhecimento tradicional quanto ao uso da medicina popular, utilizando-se de plantas medicinais da caatinga. Esse conhecimento deve ser compartilhado e resgatado para que não se perca ao longo do tempo. E para que possam ser utilizadas principalmente pelas pessoas da zona rural, quais não dispõem de atendimento médico imediato em postos de saúde local. Principalmente no combate as doenças que não apresentam cuidados emergenciais e risco de vida das pessoas residentes nestas comunidades, tais como: dores de cabeça, má-digestão, gripes, resfriados, febre entre outras.

A nossa pesquisa objetiva conhecer as espécies nativas do bioma Caatinga e plantas exóticas, utilizadas como fontes medicamentosas nas comunidades rurais de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau no município de Jacaraú/PB, Nordeste do Brasil. Como também averiguar o sistema de coleta e preparo dos medicamentos naturais, e conservação das espécies além de demonstrar a importância do conhecimento empírico e/ou etnobotânico, principalmente em comunidades rurais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Etnobotânica conceitos e antecedentes históricos

A etnobotânica é a ciência que estuda a relação dos homens com as plantas, suas formas de uso, utilização, e classificação para as diferentes sociedades. “Dentre as aplicações da etnobotânica destaca-se o estudo da interação de culturas humanas com as plantas de ação terapêutica” (CARTAXO, 2009, p. 17). Rocha et al. (2015, p. 67) diz ainda que “a etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos”.

Ao longo do tempo, a etnobotânica recebeu diversas definições, cada uma de acordo com as bases acadêmicas de seus idealizadores. Segundo Albuquerque (2005), é natural que

isto aconteça, tendo em vista que, a mesma se trata de uma ciência interdisciplinar, que fica entre a botânica e a antropologia cultural, recebendo assim, fortes influências teóricas.

A origem do conhecimento do homem em relação aos benefícios terapêuticos das plantas confunde-se com sua própria história. É provável que tenha surgido enquanto ele tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo (ALMEIDA, 2011).

O termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez em 1895 por J. B. Harshberger, para nomear o estudo sobre a utilização dos vegetais por aborígenes, e apontou maneiras pelas quais poderia ser útil à investigação científica (ALBUQUERQUE, 2005; AMOROZO, 1996; CARTAXO, 2009).

O homem primitivo dependia única e exclusivamente da natureza para sobreviver, em meio à utilização dos recursos naturais disponíveis, descobriu por acaso o poder medicinal das plantas e começou a utilizá-las para curar suas dores e enfermidades. Bevilacqua, Haraguchi e Carvalho (2010, p. 34), afirmam que “No processo histórico das plantas medicinais, muitas civilizações descreveram a utilização de vegetais como forma de medicamento em seus registros e manuscritos”.

Um dos manuscritos mais importantes e conhecido em todo o mundo, no que se refere à utilização de plantas para fins medicinais é o Papiro de Ebers, escrito no Antigo Egito, datado de aproximadamente 1550 a.C. Almeida (2011, p. 36) afirma que o Papiro inicia-se com uma frase audaciosa: “Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano (...)”.

Através deste, o mundo tomou conhecimento de várias espécies vegetais utilizadas pelos egípcios, como fonte medicamentosa a exemplo da Mirra, utilizada como anti-inflamatório, entre outras espécies que, serviam para aliviar as dores e curar as doenças do povo do antigo Egito, outras ainda eram utilizadas no processo de embalsamento para conservar o corpo dos seus mortos, já que, os mesmos acreditavam que eles ressuscitariam dos mortos (ALMEIDA, 2011).

A utilização de plantas como medicamentos, passou por um longo processo de adaptação social, assim como a medicina, visto que, sua prática se manteve por muito tempo associada a rituais mágicos e ritualísticos (MARTINS et al., 2000; OLIVEIRA, 2007). O uso de plantas em rituais curativos poderia ser caracterizado como bruxaria, podendo ocasionar na morte daqueles que detinham tal conhecimento. Nessa época, Botânica e Medicina caminhavam juntas e os médicos eram verdadeiros botânicos, detendo assim, grande

conhecimento sobre as propriedades das plantas, uma vez que a maior parte dos remédios era preparada a partir de plantas medicinais (MARTINS, 2012).

No decorrer dos anos, muitos conhecimentos perderam-se por diversos fatores, desde questões naturais, conflitos territoriais e imposição de costumes de outras culturas, como salienta Almeida (2011):

Preciosos conhecimentos perderam-se no decorrer da história das civilizações, extintas por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência das invasões gregas, romanas, muçulmanas e pelas colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas. No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco iminente de se perder essas importantes memórias culturais (ALMEIDA, 2011, p. 40).

Esse conhecimento que vem sendo passado de geração em geração ao longo dos séculos, vem se perdendo também pela falta de interesse dos mais jovens em adquirir tais saberes e pelas mudanças de hábitos culturais presente na nossa sociedade. O êxodo rural é um dos fatores que contribuem para esse processo, pois o homem ao chegar à cidade recorre às farmácias, lugar onde consegue adquirir medicamentos para todas as enfermidades sem o trabalho de prepara-lo. Portanto, os conhecimentos referentes às propriedades medicinais das plantas ficam em segundo plano, e conseqüentemente, vai sendo esquecido com o tempo, deixando de serem repassadas as futuras gerações, definhando gradativamente ate o seu fim.

Ao chegarem ao Brasil os europeus encontraram inúmeras plantas medicinais utilizadas pelos nativos. Os pajés possuíam o conhecimento das ervas locais e de seus usos, que eram transmitidos e aprimorados de geração em geração (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010).

“Os levantamentos etnomédicos realizados demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país” (ALMEIDA, 2011, p. 44). Regiões onde houve maior concentração dos povos que eram escravizados para trabalhar nas culturas de cana-de-açúcar e café. O Brasil possui uma flora significativamente diversa, com mais de 32.000 espécies de plantas superiores (BFG, 2015). Aliado a isso, o país apresenta ainda:

Diversidade étnica e cultural, com valioso conhecimento tradicional relacionado ao uso de plantas medicinais usadas na cura ou prevenção de doenças, e tem recebido atualmente maior atenção dos órgãos não governamentais e dos órgãos oficiais de saúde. (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010, p. 35).

A utilização de fitoterápicos para curar as enfermidades em comunidades rurais é uma prática corriqueira, tendo em vista o difícil acesso ao atendimento básico de saúde e a rede de farmácias pelos habitantes dessas localidades. Outro fator que influencia o tratamento de doenças com os fitoterápicos é a renda familiar do homem do campo, que opta pelo tratamento natural por ter um custo menor como afirma Maciel et al (2002); Martins (2012):

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de várias comunidades e grupos étnicos. Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas, em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais das residenciais (MACIEL et al., 2002; MARTINS, 2012, p. 20).

No Nordeste brasileiro é comum encontrarmos tanto em feiras livres quanto em pequenos estabelecimentos a comercialização de plantas medicinais, que são vendidas em pequenas porções com preços acessíveis (ALVES et al., 2016). Podemos encontrar tanto a planta, dependendo do seu porte, como cascas, sementes, folhas e frutos, além dos preparados como garrafadas, xaropes, licores entre outros.

2.2 Conhecimento tradicional e etnobotânica

Os povos tradicionais se caracterizam por saberem usar os recursos naturais de forma a não alterarem seus princípios de funcionamento, tampouco pôr em risco as condições de reprodução dos ecossistemas (CARVALHO e LELIS, 2014). Devido estarem intimamente ligados à natureza, estes atribuem a ela respeito, e aprendem a utiliza-la sem provocar grandes danos, permitindo assim sua rápida regeneração.

Esses acumulam em seu interior conhecimentos valiosos, sobre a flora e fauna das comunidades, onde vivem denominados de “conhecimentos tradicionais”, que são transmitidos de geração em geração, através da oralidade. Como afirma Diegues e Viana (2004, p. 14) “Conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos, em geral, oralmente de geração em geração”.

“Ao articular as características das populações tradicionais e a produção dos seus conhecimentos, tornam-se perceptíveis à relação de dependência entre ambos e a servidão dos mesmos com os recursos naturais” (PEREIRA e DIEGUES, 2010, p. 43).

Em comunidades tradicionais, perpetua-se uma relativa simbiose entre ser humano e natureza, tanto em sua práxis quanto no campo simbólico, o saber imanente desses grupos acumula, favorece e mantém o conhecimento sobre este território onde é vital

que se reconheça a importância da transmissão desse saber às novas gerações (ROCHA et al, 2015, p. 68).

A construção do conhecimento tradicional sempre está atrelada a elementos da natureza, o conhecimento sobre a fauna ou flora de um determinado local é daqueles que convivem diariamente com ela, desse modo, às pessoas que vivem em comunidades rurais e/ou Ribeirinhas, são as que detêm maior conhecimento sobre as espécies animais e vegetais do local.

2.3 Caracterização e conservação da Caatinga

O bioma da Caatinga localiza-se todo entre a linha do Equador e o Trópico de Capricórnio, dispondo assim durante todo o ano de grande intensidade luminosa. As altitudes são relativamente baixas, temperaturas altas e pouco variáveis, com médias anuais entre 25°C e 30°C. A média de precipitação anual oscila entre 300 mm, na região do Cariri a pouco mais de 1000 mm nas zonas limítrofes da Caatinga (SAMPAIO, 2003; REDDY, 1983; GARIGLIO et al., 2010).

A Caatinga é uma vegetação típica do Nordeste brasileiro, formada por plantas adaptadas a longos períodos de seca. A mesma se apresenta em nove estados: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Seu nome é de origem indígena e significa “mata branca”, devido à coloração acinzentada que adquire quando perde sua folhagem no período da seca (EMBRAPA, 2007).

Considerada pelo Ministério do Meio Ambiente como um dos grandes biomas brasileiros, abrangendo 734 mil km², a sua vegetação caracteriza-se por possuir florestas arbóreas ou bosques arbustivos, abrangendo principalmente árvores e arbustos baixos, muitos dos quais apresentam espinhos, microfilia e algumas características xerofíticas, que recebem a denominação de florestas secas, entretanto, formados por diversas fisionomias (SILVA, J. et al., 2004; PRADO, 2005; ALBUQUERQUE et al., 2010; ALVES, 2015).

A biodiversidade da Caatinga destaca-se por conter uma grande variedade de espécies vegetais, muitas endêmicas, surge daí a importância de estudos científicos aprofundados e investimentos por parte do governo para que este recurso seja aproveitado de forma sustentável (GIULIETTI et al., 2002; ALVES, 2015).

A Caatinga apresentou em 2010 uma média de 443.121 km² de área desmatada, que veio aumentando gradativamente a cada ano, sendo que de 2008 para 2010, aumentou de 43% para 45%, respectivamente (IBAMA, 2010). O uso inadequado dos recursos da Caatinga pode

levar ao desaparecimento de algumas espécies e, conseqüentemente, a perda da biodiversidade. A Caatinga deve ser considerada patrimônio biológico de valor incalculável e ser preservada e protegida, tendo em vista que a mesma é o único bioma exclusivamente brasileiro (EMBRAPA, 2007).

As plantas nativas deste bioma apresentam inúmeras utilidades, e podem ser aproveitadas de diversas maneiras como fonte medicinal, de alimento e abrigo para abelhas, forrageiras, frutíferas, fonte de óleo, cera e fibras, madeireiras e energéticas, ornamentais (EMBRAPA, 2007). Esses recursos podem ser explorados sustentavelmente em diversas atividades econômicas, o que ajudará na geração de renda e, conseqüentemente, na fixação do homem do campo, no entanto, poderá ocorrer também uma grande degradação ambiental, caso não seja realizada de forma organizada (ALVES, 2015).

É necessário incentivo para a pesquisa na Caatinga, permitindo assim o maior conhecimento da biodiversidade presente neste bioma, o que acarretará em novas formas de uso e conservação destes recursos por parte da comunidade local (LOIOLA et al., 2012; ALVES, 2015). Faz-se necessário também a divulgação dos resultados nas comunidades situadas no bioma, para que as mesmas possam criar meios de utilização dos recursos da caatinga, gerando o mínimo impacto possível.

3. MATERIAL E METODOS

3.1 Caracterização da área de estudo

O município de Jacaraú está localizado na mesorregião geográfica da Zona da Mata Paraibana, mais especificamente na microrregião do Litoral Norte da Paraíba, a sede do município tem altitude média de 170 metros ficando a 96 km da capital do estado, João Pessoa. O acesso a partir de João Pessoa é feito pelas rodovias BR 101/PB 071. Sua área é de 253,033 Km² representando 0.4486% do estado da Paraíba, 0.0163% da região Nordeste e 0.003% do território brasileiro (IBGE, 2010). Criado em 1961, a população total é de 13.942 habitantes. Seu Índice de desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,558 O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IBGE, 2010).

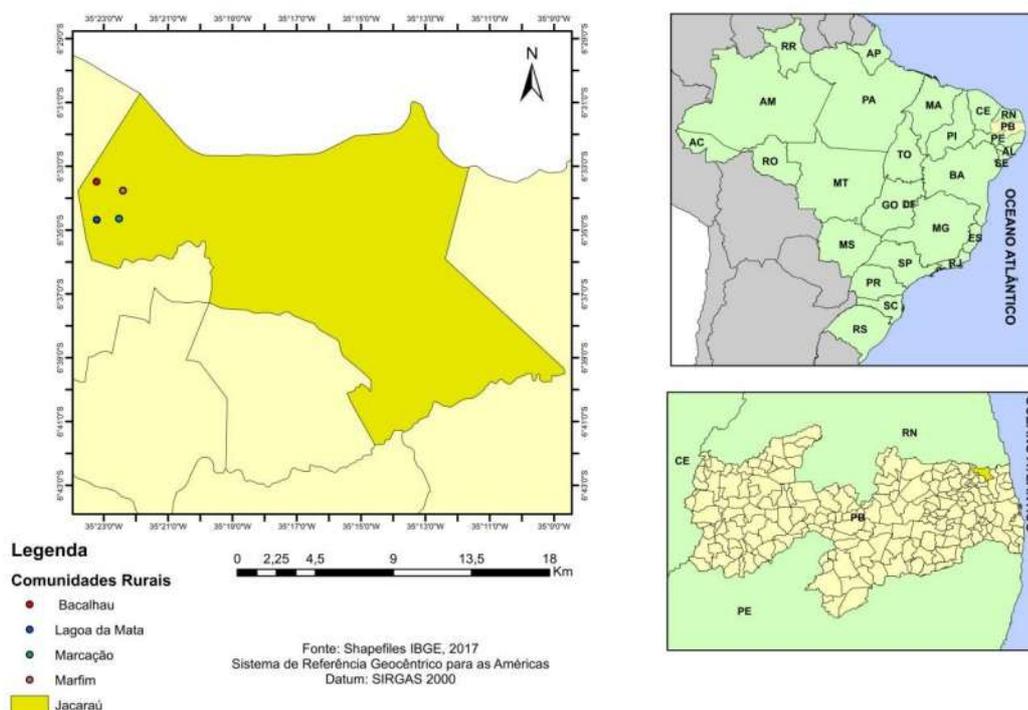
O município de Jacaraú está predominantemente inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o Nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas. De modo geral, os solos são profundos e de

baixa fertilidade natural. Parte de sua área, a oeste, se insere na unidade geoambiental das Depressões Sertanejas (CPRM, 2005).

O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono tendo início em fevereiro e término em outubro. A precipitação média anual é de 1014 mm. A vegetação é predominantemente do tipo Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia e Cerrado/ Floresta (IBGE, 2010).

A pesquisa foi realizada em quatro comunidades rurais da zona oeste do município de Jacaraú, entre os dias 04 de setembro e 23 de outubro de 2018, com visitas semanais, as mesmas ficam a cerca de 17 km distantes do centro da cidade, são elas: Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau. A seleção destas comunidades levou em consideração sua localização, já que as mesmas se encontram em área de transição entre a Zona da Mata e a Caatinga, caracterizando o Agreste que apresenta assim resquícios de Caatinga.

Figura 1 – Mapa de localização das comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, Região Oeste do município de Jacaraú/PB.



Fonte: IBGE adaptado, 2018.

As comunidades são todas interligadas e, juntas dispõem de luz elétrica, uma escola municipal com vagas para alunos do Fundamental I até o 5º ano, a partir do 6º ano as crianças tem que se deslocar para escolas próximas a cidade que dispõem de turmas até o 9º ano. Conta também com uma associação comunitária, onde ocorrem apenas reuniões trimestrais, seis açudes comunitários no qual as pessoas lavam suas roupas e banham os animais, dois poços artesianos que se encontravam desativados devido à água ser salobra, e uma capela (em construção) para realização de celebrações, todos esses equipamentos sociais são de uso comum das quatro comunidades.

Nestas localidades o abastecimento de água potável é realizado através da operação carro pipa do exército brasileiro, nas residências que possuem cisternas ou reservatórios de grande porte, as pessoas que não dispõem de reservatórios como cisternas e/ou caixas d'água, pegam a água no vizinho mais próximo em carros de mão e/ou carroças.

Em nenhuma das comunidades há postos de saúde, o atendimento médico é realizado no sítio Formosa em uma UBS que fica a 5 km das comunidades estudadas, o agendamento é realizado pelo agente de saúde, qual segundo o mesmo, cada comunidade tem um dia específico para atendimento e contam apenas com 8 fichas, as pessoas que necessitam de atendimento médico imediato se dirigem a cidade onde há dois PSF e um Centro de Saúde.

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, as quatro comunidades possuem 50 famílias, totalizando 140 pessoas cadastradas no Programa de Saúde Familiar - PSF, e não contam com saneamento básico nem pavimentação. Existe apenas um comércio de pequeno porte na comunidade Lagoa da Mata, que supre as necessidades básicas dos moradores das quatro comunidades.

A maior parte destas famílias tem sua renda proveniente da agricultura, cultivando principalmente mandioca, já que a região não dispõe de grandes recursos hídricos (rios e barragens). Outra atividade que se destaca é a criação de animais como: aves, caprinos, bovinos e suínos, em menor quantidade para comercialização e consumo. Boa parte das famílias tem trocado o trabalho na agricultura pelo beneficiamento de castanha de caju, que tem transformado a vida das famílias da região, gerando renda durante todo o ano, quando questionados pelo motivo da mudança de atividade, estes responderam que o fator que mais contribuiu para essa transição foi à escassez de chuvas na região.

3.2 Metodologia e coleta de dados

Os dados desta pesquisa referente aos conhecimentos etnobotânicos, foram coletados nas quatro comunidades por meio de entrevistas semiestruturadas (ALBUQUERQUE et al., 2010), na qual foram aplicados 20 questionários com 17 questões abertas (Anexo), que foram elaborados pelo autor antes de ir a campo. Os informantes foram 12 mulheres e 8 homens. A pesquisa foi iniciada no dia 04 de setembro, onde foram apresentados aos informantes o projeto da pesquisa com seus objetivos. Após a apresentação os mesmos se dispuseram a participar voluntariamente fornecendo todos os dados necessários.

A metodologia empregada na pesquisa etnobotânica abrange técnicas de diferentes áreas de conhecimento, procurando definir recortes interdisciplinares que possibilitem as investigações a cerca da questão em foco da forma mais completa possível (AMOROZO et al., 2002; GANDOLFO, 2010).

A pesquisa em etnobotânica possui diferentes metodologias de pesquisa pré-estabelecida, entre estes métodos está à observação participante e a técnica de lista livre, utilizada na realização desta pesquisa (ALBUQUERQUE et al., 2010). “Os métodos de pesquisa etnobotânico se combinam com os sistemas conceituais da Antropologia cultural, Botânica e Ecologia” (ALBUQUERQUE, 2005, P. 31). Desse modo, cabe ao pesquisador encontrar meios com os quais as pessoas entrevistadas se sintam a vontade para expor seus conhecimentos.

Deve-se também levar em consideração na realização da pesquisa de campo alguns fatores como: estudar a botânica desenvolvida por outras culturas, tratar os informantes como especialistas no assunto, estabelecer um contato amigável, não rejeitar nenhum dado, pedir sempre permissão para gravação de áudios ou vídeos, participar sem alterar o curso normal dos informantes, não impor suas próprias ideias, clarear conceitos e evitar perguntas etnocêntricas (D. POSEY, 1987; ALBUQUERQUE, 2005).

Nas entrevistas realizadas foi utilizada a técnica de lista livre, na qual os entrevistados citam todas as espécies de plantas medicinais que conhecem e/ou usam (CARTAXO, 2009; ALBUQUERQUE, et al., 2007). Nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, nosso foco centralizou-se nas pessoas mais idosas, ou aquelas que possuíam maior conhecimento sobre a flora local. Também foram realizados registros de dados socioeconômicos dos entrevistados, tais como: nome, apelido, idade, ocupação, nível de escolaridade, renda e tipo de habitação (própria, alugada, ou outros) (Anexo).

As espécies vegetais citadas nas entrevistas foram identificadas por meio de bibliografias especializadas para a identificação das mesmas. Após essa identificação as plantas foram apresentadas em uma tabela (Tabela 01) com suas respectivas famílias

botânicas, nomes científicos, nomes populares, origem (classificadas em nativas e exóticas) formas de utilização, modo de preparo dos fitoterápicos e número de citações atribuído a cada espécie (BATISTA e OLIVEIRA, 2014).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

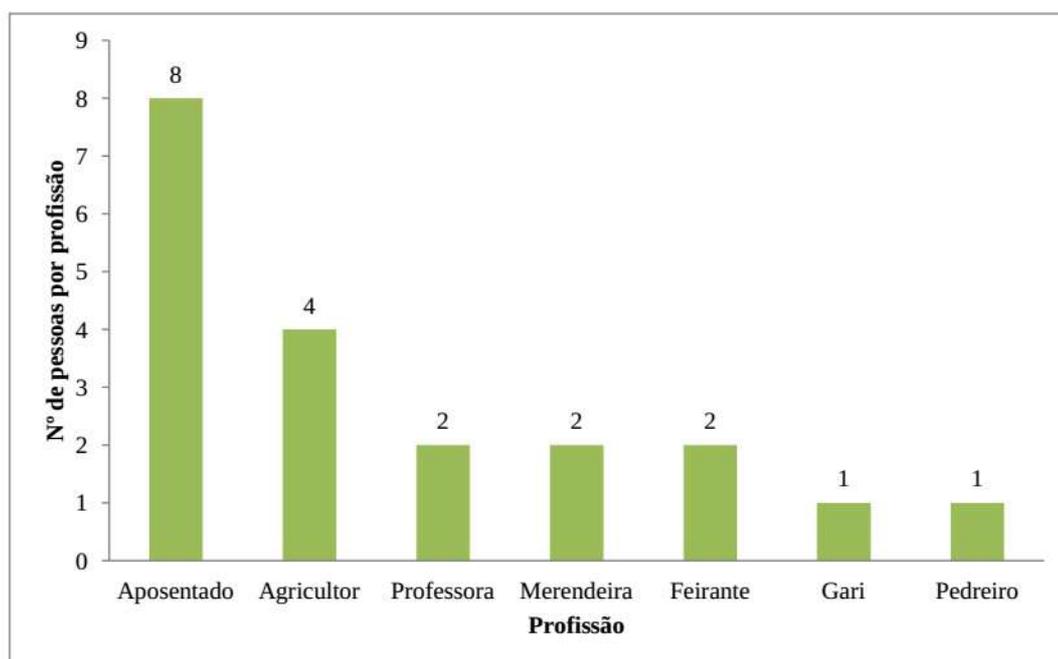
Foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 12 mulheres (60%) e 08 homens (40%). A predominância das mulheres se deve ao horário de realização das entrevistas, efetuadas sempre no período da manhã, onde os homens se encontravam trabalhando. A idade dos entrevistados variou entre 45 e 78 anos, o tempo em que os mesmos residem nas comunidades oscilou entre 18 e 78 anos.

A aplicação das entrevistas foi destinada sempre aos chefes de família (homens e mulheres responsáveis pela residência). No momento em que o responsável não se encontrava em casa, foi realizada uma nova visita para obtenção dos dados (CARTAXO, 2009). Não houve recusa de participação por parte dos moradores de nenhuma das quatro comunidades, os mesmos sempre estiveram dispostos para contribuir na realização desta pesquisa. As entrevistas foram sempre realizadas dentro das residências, na sala, área ou alpendres, o que demonstra a boa receptividade por parte dos moradores.

Os entrevistados eram em sua maioria aposentados e agricultores, como demonstrado no gráfico abaixo (Gráfico 01), com baixos níveis de escolaridade. Nos entrevistados estavam inclusas duas professoras são formadas pelo Magistério que trabalham na alfabetização dos alunos da educação infantil. Os restantes das mulheres frequentaram a escola, mas não concluíram o Fundamental II, a maior parte dos homens relatou que frequentou a escola por alguns anos, mas segundo os mesmos, não conseguiram desenvolver habilidades de escrita e leitura, pois em horário oposto as aulas tinham que ajudar seus pais, não sobrando tempo para se dedicarem as atividades escolares.

Todos os entrevistados moram em sítios próprios, que em média chega a medir cinco hectares de terra, boa parte destes é proveniente de herança. A renda média das famílias fica em torno de dois salários mínimos e meio, levando-se em consideração todos os proventos. Segundo os próprios sitiantes a maior parte de suas rendas é proveniente de suas propriedades de atividades como: agricultura (Plantação de milho, feijão e mandioca), da criação de animais de pequeno porte (aves, ovinos, caprinos e suínos) e o trabalho com beneficiamento da castanha de caju. Por iniciativa própria 60% (12 pessoas) dos entrevistados relataram que são beneficiários do programa Bolsa Família do Governo Federal.

Não há em nenhuma das comunidades registro de renda superior a cinco salários mínimos. Resultados próximos a estes foram obtidos em estudo realizado no município de Palmeiras das Missões, RS, Brasil, onde a renda dos entrevistados é inferior a três salários mínimos (BATTISTI, et al., 2013).

Gráfico 1 – Distribuição dos entrevistados por profissão

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

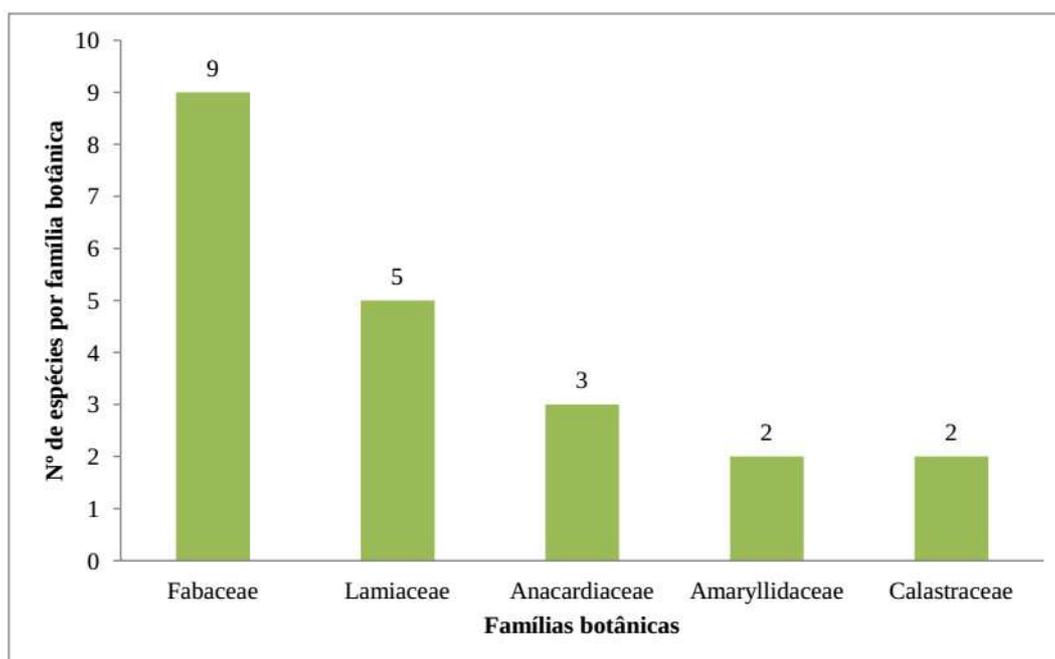
As espécies citadas pelos entrevistados foram identificadas através de bibliografias especializadas e distribuídas em trinta e nove famílias botânicas diferentes, dentre estas as que apresentaram o maior número de espécies de acordo com as citações dos entrevistados foram respectivamente Fabaceae (9 citações), Lamiaceae (5 citações), Anacardiaceae (3 citações), Amaryllidaceae (2 citações) e Calastraceae (2 citações), como apresenta o gráfico abaixo (Gráfico 2).

A “Fabaceae é considerada a maior família botânica no Brasil, com 2.100 espécies e 188 gêneros, dos quais 31 são endêmicos, estando representada em todos os biomas brasileiros” (LIMA, 2000; ANDRADE et al., 2009, p. 737).

Fabaceae “são facilmente reconhecidas por possuírem folhas geralmente composta, filotaxia alterna, com estípulas, pulvinos bem desenvolvidos e fruto frequentemente legume” (JUDD et al., 2009; CAMPOS, 2016, p. 16).

Foram obtidos resultados semelhantes a estes em relação à representatividade da família Fabaceae em estudos etnobotânicos realizados na zona urbana do município de Lapão, no interior do estado da Bahia, no Nordeste brasileiro (BATISTA e OLIVEIRA, 2014) e na comunidade de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte, também localizada no nordeste do Brasil (ROQUE, et al., 2010).

Gráfico 2 – Famílias botânicas que apresentaram o maior número de espécies citadas.



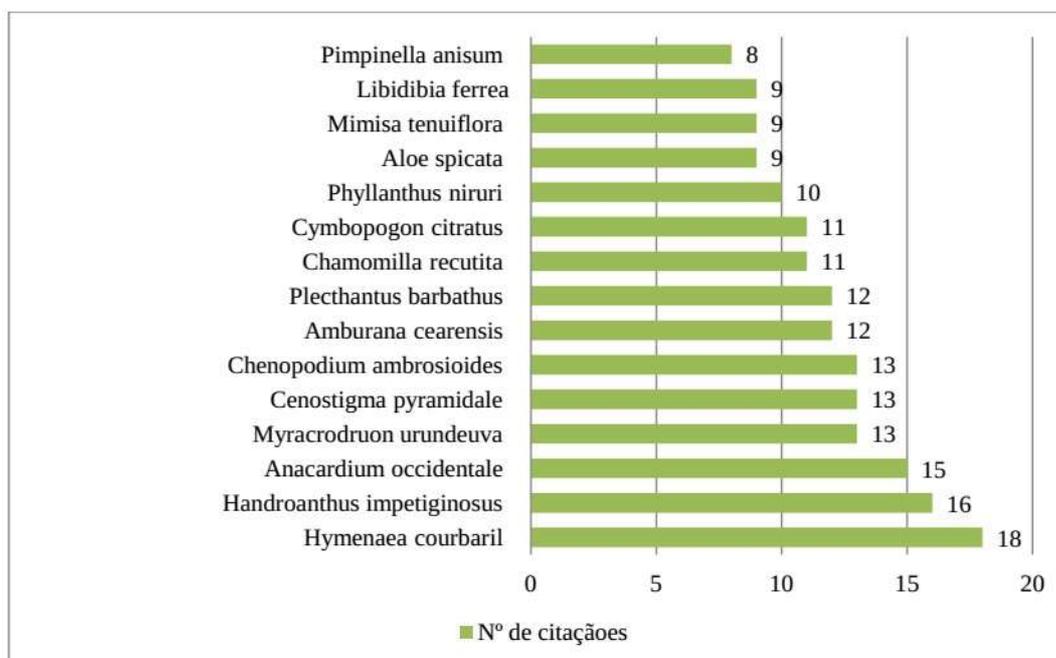
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Em nossa pesquisa foram citadas pelos entrevistados 60 espécies de plantas (Tabela 1) com fins medicinais, entre essas se destacam (Gráfico 03) *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá) (18 citações), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (Pau d'arco-roxo) (16 citações), *Anacardium occidentale* L. (Cajueiro-roxo) (15 citações), *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira) (13 citações), *Cenostigma pyramidale* (Tul.) (Catingueira) (13 citações), *Chenopodium ambrosioides* Hance (Mastruz) (13 citações), *Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. (Cumaru) (12 citações), *Plecthantus barbathus* Andrews (Boldo) (12 citações), *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert (Camomila) (11 citações), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) (11 citações), *Phyllanthus niruri* L. (Quebra-pedra) (10 citações), *Aloe spicata* L. f. (Babosa) (9 citações), *Mimisa tenuiflora* (Willd.) Poir. (Jurema-preta) (9 citações), *Libidibia ferrea* Lam. (Jucá) (9 citações), *Pimpinella anisum* L. (Erva-doce) (8 citações).

Hymenaea courbaril (Jatobá) é uma árvore nativa do Brasil, que se apresenta com aproximadamente 15 a 20 m de altura, com copa ampla e densa, troco relativamente cilíndrico que pode atingir 1m de diâmetro (GRANDI, 2014). Está foi à espécie citada por quase todos os entrevistados, que é indicada para o tratamento de enfermidades como: câncer de próstata, infecção urinária, inflamações em geral, úlcera, catarro no peito, asma, tosse, gripe, fastio, além de ser boa para a memória. A parte mais utilizada é a casca, também se utilizam os

frutos e a resina. O modo de preparo mais utilizado no procedimento de medicamentos a base desta planta, citada pelos informantes, é a decocção, infusão e lambedor.

Gráfico 3 – Espécies de plantas medicinais mais citadas pelos entrevistados nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Handroanthus impetiginosus conhecida popularmente como Pau d'arco roxo ou Ipê-roxo, também obteve destaque entre as citações dos moradores das comunidades pesquisadas, está se apresenta como uma árvore que chega a medir de 25 a 30 m de altura, seu caule tem entre 60 e 80 centímetros de diâmetro, mais ou menos reto e cilíndrico, suas folhas caem durante a floração que cobrem a planta quase toda (GRANDI, 2014). Segundo os moradores ela é usada para o tratamento de doenças como: gripe, tosse, diabetes, câncer, úlcera, gastrite e alergias. Utiliza-se a casca e as folhas, dentre as formas de preparo está à decocção, infusão e maceração.

Anacardium occidentale (Caju roxo) é uma árvore originária da América do Sul, comumente tortuosa e baixa, apresenta fruto aquênio reniforme de 2 cm, dependente de um receptáculo carnoso, mais ou menos piriforme, com tonalidade variante entre o amarelo e vermelho, aromático e comestível (GRANDI, 2014). É indicado no tratamento de enfermidades como, gripe, irritações na garganta, também pode ser cicatrizante, utilizando as flores e casca do caule para infusão, decocção, xarope e garrafadas.

Fotos 1, 2 e 3 - Espécies mais citadas pelos entrevistados, registros em propriedades nas comunidades Marfim e Lagoa da Mata.



A: *Himenaea courbaril*

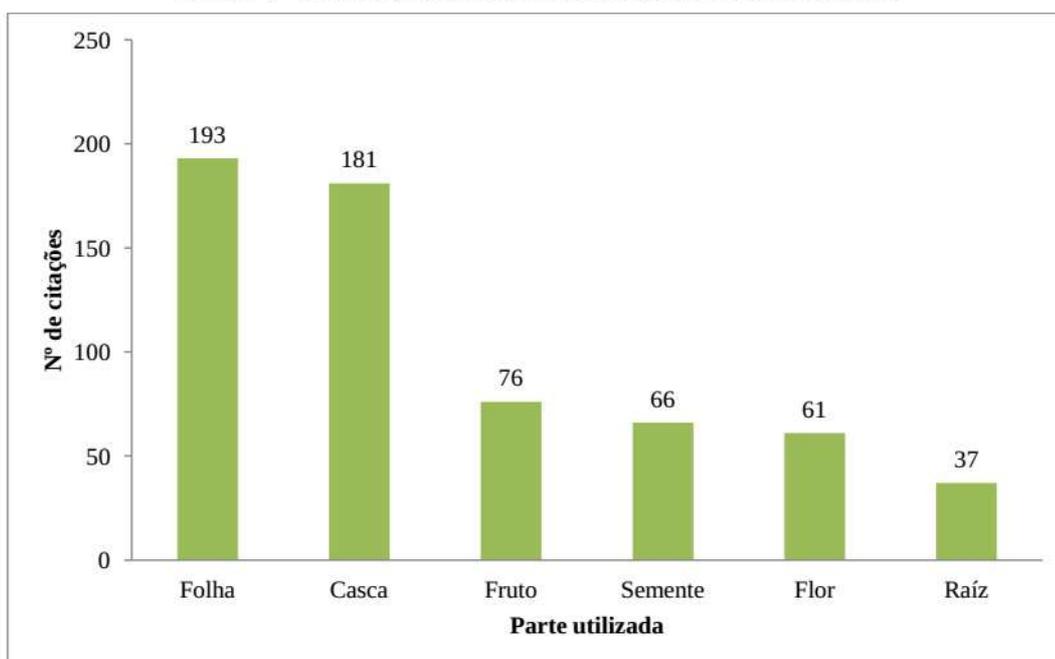
B: *Handroanthus impetiginosus*

C: *Anacardium occidentale*

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Ao questionar os informantes sobre as partes das plantas utilizadas no preparo dos medicamentos, houve sobressalto no número de citações da folha com (193 citações), casca (181 citações), fruto (76 citações), semente (66 citações), flor (61 citações) e raiz (37 citações) como podem observar abaixo (Gráfico 04).

Gráfico 4 – Parte das plantas mais utilizada no preparo de medicamentos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O mesmo foi constatado por Batista e Oliveira (2014), em estudo realizado no semiárido baiano, município de Lapão, BA, por Batitisti et al., (2013) em Palmeira das Missões, RS e por Freitas et al., (2012) em levantamento etnobotânico realizado no município de São Miguel, RN .

Fotos 4 e 5 - Extração de partes das espécies mais citadas para o preparo de medicamentos, comunidade Marfim, Jacaraú/PB.



Folha, casca e fruto (*Himenaëa courbaril*).



Casca (*Anacardium occidentale*)

Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

A predominância do uso da folha é comum em estudos sobre plantas medicinais, a explicação mais provável para isso, é dada pelo fato delas serem mais acessíveis e estarem disponível por todo o ano, além de apresentarem concentração de grande parte dos nutrientes das plantas (OLIVEIRA, 2007; BATTISTI et al., 2013).

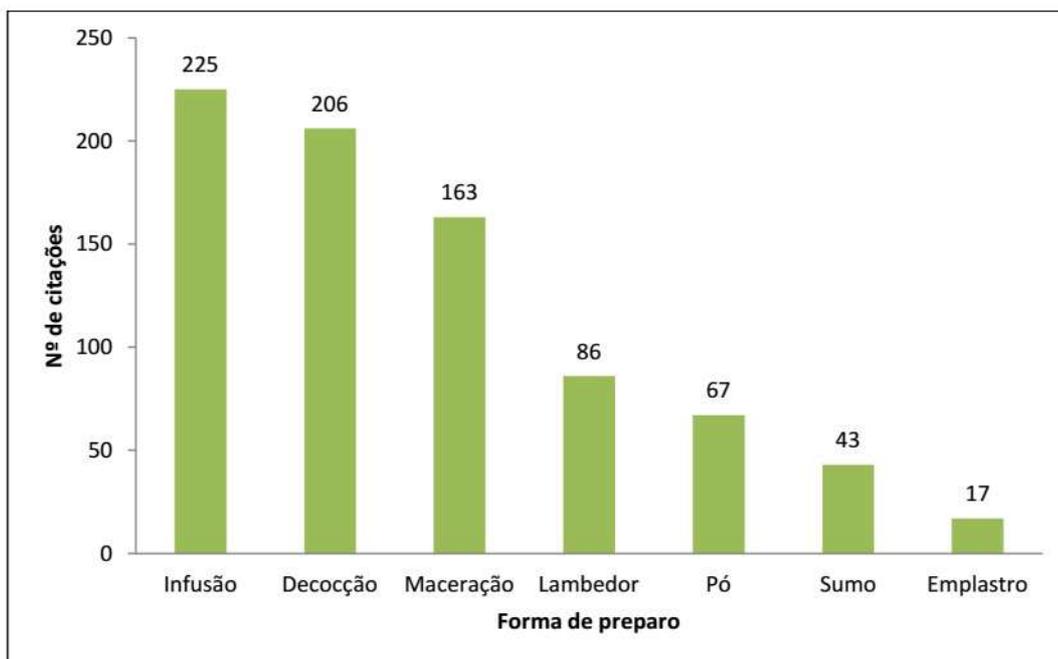
No que se refere às formas de preparo dos fitoterápicos foram citadas sete formas diferentes (Gráfico 04), nas quais se destacam os chás por infusão (225 citações), decocção (206 citações) e por, além da maceração (163 citações), lambedor (86 citações), pó (67 citações), sumo (43 citações), e emplastro (17 citações).

Os chás (decocção e infusão) são as formas de preparo mais utilizadas de acordo com vários estudos etnobotânicos. A decocção consiste no chá feito a partir se sementes, raízes ou cascas, que são mais resistentes e necessitam de um tempo maior de cozimento, já a infusão é o chá feito com folhas, flores e/ou ramos maleáveis, onde a água quente é despejada em um recipiente sobre a planta que em seguida é abafada (KFFURI, 2011).

Dados parecidos foram obtidos em pesquisa realizada por Cordeiro e Felix (2014, p. 691) onde eles afirmam que “a preparação dos medicamentos a partir de espécies vegetais é realizada, sobretudo por meio da decocção e infusão”, em levantamento etnobotânico realizado na zona rural do município de Serra da Raiz, localizado no Agreste Paraibano.

Battisti et al., (2013) também observa em seus estudos que os chás estão entre as formas de preparo mais utilizadas.

Gráfico 5- Modo de preparo utilizado para fitoterápicos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A maior parte das espécies citadas são puramente brasileiras ou nativas da região Nordeste, como o *Ziziphus joazeiro* Mart. (Juá), *Mimisa tenuifolia* (Willd.) Poir. (Jurema preta) e o *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira), como foi observado pelos pesquisadores Batista e Oliveira (2014) e por Freitas et al., (2012) em estudos etnobotânicos realizados na região Nordeste.

Entre as enfermidades que são frequentemente tratadas com plantas medicinais nas quatro comunidades, se destacam as quais pertencem ao Transtorno do Sistema Respiratório, como tosse, resfriados, gripes, inflamações de garganta, bronquite, asma, resultados semelhantes foram obtidos por Roque et al., (2010), em estudos em área de Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte.

Nas quatro comunidades foram citadas praticamente as mesmas espécies, com indicações e formas de preparo iguais e/ou semelhantes, isto se deve ao fato dos moradores destas comunidades fazerem parte do mesmo convívio social e compartilharem dos

conhecimentos etnobotânicos entre si. Como também pelo tamanho e distancia das comunidades que por serem pequenas ficam unidas na paisagem.

Tabela 1 – Plantas medicinais empregadas no tratamento de enfermidades pelos moradores de comunidades rurais de Jacaraú/PB. Abreviações: Origem: N - Nativa, E - Exótica; NC: Número de citações. Localidade: A – Marfim, B – Lagoa da Mata, C – Marcação, D – Bacalhau. Partes utilizadas Fo - Folha, Fl – Flores, Cc - Casca do caule, Cf - Casca do fruto, Ra - Raiz, Se - Sementes.

Família / Nome científico	Nome Vulgar	Origem	Localidade / NC				Parte Utilizada	Preparo	Indicação terapêutica
			A	B	C	D			
ADOXACEAE									
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlidl.	Sabugueira	E	-	-	4	-	Fo	Infusão	Doenças do fígado.
AMARANTHACEAE									
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	N	-	-	-	2	Fo	Infusão	Todos os tipos de dores.
AMARYLLIDACEAE									
<i>Alilium cepa</i> L.	Cebola branca	E	2	3	4	-	Fo, Fl	Infusão, lambedor.	Gripe, gases, prisão de ventre, hipertensão.
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	E	-	-	3	2	Dentes	Decocção, emplasto	Má digestão, asma, bronquite, sinusite, gripe.
ANACARDIACEAE									
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	N	5	5	3	4	Cc, Fl	Decocção, infusão maceração.	Diabetes, cicatrizante, inflamação, dor de garganta, catarro, gripe.
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	N	5	-	4	3	Cc, Fo	Decocção, infusão, lambedor, pó.	Anti-inflamatório, cicatrizante, dor de garganta, ferimento no colo do útero.
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Braúna	N	-	-	3	1	Fo, Cc	Decocção, infusão.	Cicatrizante, anti-inflamatório.
APIACEAE									
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	E	2	4	2	-	Fo, Fl, Se	Infusão.	Calmante, prisão de ventre, cólica, má digestão.

Continuação...

Continuação.

ARECACEAE										
<i>Syagrus cerensis</i> Noblick	Coco catolé	N	-	2	1	1	Ra	Maceração.	Câncer de próstata.	
ASTERACEAE										
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Camomila	E	2	3	3	-	Fl, Se	Infusão.	Calmante.	
BIGNONIACEAE										
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	N	5	3	3	3	Cc	Decocção, pó, maceração.	Gripe, tosse, diabetes, câncer, ulcera, gastrite.	
BROMELIACEAE										
<i>Ananas comusus</i> (L.)	Abacaxi	N	-	2	1	1	Fr	Lambedor.	Gripe, tosse, resfriados.	
BIXACEAE										
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	N	1	-	-	-	Fo, Se	Decocção, infusão, lambedor, maceração,	Bronquite, tosse, gripe, garganta inflamada.	
CARICACEAE										
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	E	-	-	2	-	Fo, Fr	In natura, Infusão.	Laxante, ajuda na digestão.	
CALASTRACEAE										
<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	E	1	-	-	-	Fo	Sumo.	Anemia.	
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Bom nome	N	-	-	2	2	Cc	Decocção.	Problemas nos rins.	
CHENOPODIACEAE										
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hancer	Mastruz	N	-	4	5	3	Fo, Se	Infusão, emplasto, sumo.	Catarro no peito, gripe, tosse, má digestão.	
CONVOLVULACEAE										
<i>Operculina hamiltonii</i> (G. Don) D.F. Austin & Staples	Batata de pulga	N	-	-	3	1	Ra	Decocção, maceração.	Laxante.	
COSTACEAE										

Continuação...

Continuação.

<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo	N	-	-	3	2	Fo, Ca	Decocção, infusão.	Diabetes, calculo renal.
CRASSULACEAE									
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	E	1	4	1	2	Fo	Sumo, lambedor.	Bronquite, tosse, cicatrizante.
CUCURBITACEAE									
<i>Mormodica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	E	-	1	2	2	Fr, Se	Cataplasma.	Sarna, rabugem, impinge.
EUPHORBIACEAE									
<i>Croton argyrophyloides</i> Mull.Arg.	Marmeleiro -branco	N	1	-	-	1	Cc, Fo	Decocção, infusão.	Má digestão, diarreia.
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	N	-	1	3	2	Fo, Su	Infusão, sumo.	Verrugas, cicatrizante, anti-inflamatório.
FABACEAE									
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	N	3	-	1	-	Cc	Decocção, maceração.	Cicatrizante, anti-inflamatório.
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumarú	N	5	4	2	2	Cc	Decocção, infusão, maceração.	Bronquite, asma, tosse, gripe, catarro no peito, azia.
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	N	1	1	1	2	Cc	Decocção, maceração, lambedor.	Garganta inflamada, gripe, tosse, cicatrizante, câncer.
<i>Hymenoca courbaril</i> L.	Jatobá	N	5	5	3	4	Cc, Se, Fr	Decocção, maceração, lambedor pó.	Fastio, tosse, gripe, catarro no peito, câncer de próstata, infecção urinaria, anti-inflamatório.
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Jucá	N	2	1	2	2	Cc, Se	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante, tétano, constipação.

Continuação...

Continuação.

<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) E. Gagnon & G.P. Lewis	Catingueira	N	3	2	3	4	Cc, Fl	Decocção, pó, maceração, lambedor.	Anti-inflamatório, pneumonia, catarro no peito, gripe, disenteria.
<i>Mimisa tenuifolia</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	N	2	2	5	-	Cc	Decocção, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	N	-	-	-	2	Fo, Cc	Decocção, infusão, maceração.	Colesterol, gripe.
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	N	-	-	-	3	Cc	Decocção.	Calmante, tranquilizante.
GERANIACEAE									
<i>Pelargonium graveolens</i> L' Hér	Malva rosa	E	-	3	3	-	Fo	Infusão, lambedor.	Cansaço, cólica, garganta inflamada, tosse.
LAMIACEAE									
<i>Leonotis neptaefoli</i> (L.) R.Br	Cordão de São Francisco	E	3	-	-	1	Fr	Maceração.	Dor de barriga, má digestão.
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	E	2	4	3	3	Fo	Infusão.	Dor de barriga, diarreia, má digestão.
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	N		2	2	-	Fo	Infusão.	Dor de barriga, resfriado, inflamação no fígado.
<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	E	-	2	4	-	Fo	Infusão, lambedor.	Ameba, gripe.
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca	E	2	-	-	-	Fo	Infusão.	Gripe, sinusite.
LAURACEAE									
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	E	-	2	3	2	Fo	Infusão.	Cólica, calculo renal.
LYTHRACEAE									
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	-	4	2	2	Cf, Se	Decocção, maceração.	Garganta inflamada, rouquidão, afta.
MALPIGHIACEAE									

Continuação...

Continuação.

<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	E	2	4	1	2	Fr	Sumo.	Gripe, resfriado.
MINOSACEAE									
<i>Acacia riparia</i> Kunth	Unha de gato	N	-	4	-	-	Cc	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
MYRTACEAE									
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	E	-	-	1	1	Fo	Infusão.	Má digestão.
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	E	-	-	3	-	Fo, Fr	Infusão, maceração.	Diarreia, inflamação na boca e garganta.
OLACACEAE									
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	N	1	-	2	3	Cc, Fo	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
PASSIFLORACEAE									
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	N	-	4	-	1	Fo	Infusão.	Sedativo.
PHYLLANTHACEAE									
<i>Phyllanthus niuri</i> L.	Quebra pedra	N	2	4	3	2	Ra	Decocção, maceração.	Analgésico, diurético, calculo renal, cólica.
POACEAE									
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	E	2	3	5		Fo	Infusão.	Calmante, cólica.
RHAMNACEAE									
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	N	5	5	2	3	Cc, Fr, Fo	Decocção, infusão, pó.	Higiene bucal, caspa, cicatrizante, azia, gripe, febre.
RUBIACEAE									
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	N	-	-	4	3	Fo, Cc, Fr	Infusão, cataplasma.	Calculo renal, constipação, pancada, fratura.
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey	Vassoura de botão	N	-	3	-	-	Ra	Maceração.	Infecção urinaria, tosse, gripe.
RUTACEAE									

Continuação...

Continuação.

<i>Citrus maxima</i> (Burm. Ex Rumph.) Merr.	Laranja	E	-	3	3	-	Fo, Cc, Fr	Decocção, infusão, lambedor, sumo.	Gripe, resfriado, calmante, má digestão.
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	E	-	2	2	-	Fo	Infusão, maceração.	Abortiva, vermes, dor de ouvido, problemas menstruais
SAPOTACEAE									
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Shul.) T.D. Penn	Quixaba	N	3	2	-	-	Cc	Decocção, infusão.	Diabetes, anti-inflamatório.
SOLANACEAE									
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	N	2	-	2	-	Fo, Ra	Decocção.	Câncer de próstata, gastrite, anemia.
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	E	-	-	4	-	Fr	Maceração.	Colesterol alto.
URTICACEAE									
<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga	E	-	3	3	1	Ra	Maceração	Calculo renal.
VERBENACEAE									
<i>Lippia Alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	N	2	3	2	-	Fo, Fl	Decocção, infusão.	Calmante, febre.
XANTHORRHOEACEAE									
<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. F.	Babosa	E	-	5	4	-	Fo	Cortar e retirar a baba.	Cicatrizante, nutrição do cabelo, queimadura, hemorroidas, má digestão.
ZINGIBERACEAE									
<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	E	2	2	-	-	Ra	Mastigar a raiz.	Anti-inflamatório, rouquidão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, pode-se observar que a maioria dos informantes são agricultores e aposentados que moram distante da sede do município de Jacaraú, Paraíba, sendo estes, detentores de relevantes conhecimentos tradicionais relacionados às espécies, e etnobotânicos, sendo estes, conhecimentos repassados de geração em geração através dos parentescos de pessoas mais velhas e agricultores residentes nestas comunidades que utilizam-se destas espécies estudadas, para fins fitoterápicos.

Foram constatadas pelos informantes cerca de 60 espécies e 40 famílias, sendo citada como valor de importância e versatilidade a *Hymenaea courbaril* (Jatobá) na cura de diversas enfermidades em todas as 4 comunidades. Seguida da *Handroanthus impetiginosus* conhecida popularmente por pau d'arco roxo e *Anacardium occidentale* (caju) entre outras, com menores valores de importância, mas que vem sendo também utilizadas pelas comunidades.

Quanto às partes utilizadas, constatamos que as folhas apresentaram maiores valores quanto seu uso, seguida das cascas, frutos, sementes e raízes. Com referência as formas de preparo de chás para uso fitoterápicos, estes tem sua elaboração com base na decocção, infusão, maceração seguido de lambedores e emplastos.

Podemos concluir ainda que, apesar da existência do posto de saúde, em algumas comunidades mais distantes da sede municipal, os diversos usos das plantas são resgatados e atuam como fitoterápicos capazes de atender as necessidades urgentes destas populações.

Outro ponto a ser destacado é de que estas espécies vêm sofrendo pressão pelo fluxo do uso, o que ocasionará no futuro, sua extinção. Visto que, não existe nesta área um manejo adequado para este tipo de extrativismo vegetal, principalmente no tocante as plantas medicinais.

Porém, sabemos que é de inteira responsabilidade dos órgãos competentes a ação de viabilizar a preservação destas espécies, visto que, nem sempre os programas governamentais atingem todos os quadrantes deste bioma que se encontra fragilizado pelas suas ineficácias quanto aos projetos que viabilizem a conservação dos recursos naturais da caatinga.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p. 93.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S.; MONTEIRO, J. M.; LINS NETO, E. M. F.; MELO, J. G.; SANTOS, J. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 114, p. 325–354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALMEIDA, M. Z. de. **Plantas medicinais**. - 3. ed. - Salvador : EDUFBA, 2011. 221 p.
- ALVES, C. A. B. **Etnobotânica e distribuição local de espécies da família anacardiaceae no semiárido do Brasil**. Areia, 2015. 118 p. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Areia, 2015. [Orientador: Dr. Jacob Silva Souto].
- ALVES, C. A. B.; SILVA, S.; BELARMINO, N. A. L. A.; SOUZA, R. S.; SILVA, D.R.; ALVES, P. R. R. 2017. 2016. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, 10(4): 390-417.
- ANDRADE, A. L.; MIOTTO, S. T. S.; SANTOS, É. P. dos. **Asubfamília Faboideae (Fabaceae Lindl.) no Parque Estadual do Guartelá, Paraná, Brasil**. *Hoehnea* 36(4): 737-768, 2009.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (eds). **Plantas medicinais: arte e ciências. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 47-48.
- AMOROZO, M. C. M., MING, L. C.; SILVA, S. M. P. 2002. Interdisciplinaridade na pesquisa científica – extratos da mesa redonda. In: **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, eds. Rio Claro: CNPq/UNESP. p. 181-204.
- BATISTA, A. A. de M.; OLIVEIRA, C. R. M. **Plantas Utilizadas em uma Comunidade do Semiárido Baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental**. ENCICLOPEDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v.10, n. 18; p. 74, 2014.

BATTISTI, C. GARLET, T. M. B... [et al]. **Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil.** REVISTA BRASILEIRA DE BIOCÊNCIAS – Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348, jul/set. 2013.

BEVILACQUA, H. E. C. R. **Histórico das plantas medicinais e legislação:** Histórico das plantas medicinais. HARAGUCHI & CARVALHO (Org.). Plantas Medicinais: do curso de plantas medicinais. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. Cap. 2, p. 36 -40.

BFG – The Brazilian Flora. Group. Growing Knowledge: na overview of seed plant universiy in Brazil. Rodriguesia. V.66, n.4, p. 1085-1113, 2015.

CAMPOS, K. G. **Fabaceae (Mimosoideae) em áreas de afloramentos rochosos no município de Patos, Nordeste do Brasil.** Patos, 2016. 45f.: il. color.

CARTAXO, S. L. **Diversidade e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga em Aiube – CE, Brasil /** Sarahbelle Leitte Cartaxo. – Crato-CE, 2009. 103 p. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção Molecular da Universidade Regional do Cariri – URCA).

CARVALHO, F. R. C; LELIS, A. G. S. **Conhecimento Tradicional:** saberes que transcendem o conhecimento científico. 2014. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. **Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil.** Ver. Bras. PL. Med., Campinas, v. 16, n.3, supl. I, p. 685-692, 2014.

CPRM – **Companhia de Recursos Minerais. Diagnóstico do município de Jacaraú estado da Paraíba/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DIEGUES, A. C.; VIANA, V. M. (Org.). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Adântiea:** coletânea de textos apresentados no Seminário alternativo de manejo sustentável de recursos naturais do Vale do Ribeira, realizado entre 15 e 19 de junho de 1999 - 2. ed. - São Paulo : HUCITEC : NUPAUB : C E C , 2004 il.

EMBRAPA. **Preservação e uso da Caatinga /** Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa Semiárido. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 39 p.: Il. – (ABC da Agricultura Familiar, 16).

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. de F. B... [et al]. **Plantas Medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sitio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil.** REVISTA BRASILEIRA DE BIOCÊNCIAS - Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, jan/mar. 2012.

GANDOLFO, E. S. **Etnobotânica e urbanização:** conhecimento e utilização de plantas de restinga no distrito do Campeche (Florianópolis, SC). Florianópolis, 2010. 94 p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2010. [Orientadora: Dra. Natalia Hanazaki].

GARIGLIO, M. A. [et al.], organizadores. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga**. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. 368p.

GIULIETTI, A. M.; HARLEY, R. M.; QUEIROZ, L. P.; BARBOSA, M. R. V.; BOCAGETE NETA, A. L.; FIGUEIREDO, M. A. Espécies endêmicas da caatinga. In: SAMPAIO, E. V. S. B.; GIULIETTI, A. M.; VÍRGINIO, J.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L. (Eds.) **Vegetação e Flora da Caatinga**, Associação Plantas do Nordeste. Recife: Centro Nordestino de Informação sobre plantas, p. 103-118, 2002.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. **Tratado de plantas medicinais** [recurso eletrônico]: minerais, nativas e cultivadas / Telma Sueli Mesquita Grandi. – 1. ed. – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte: Adequatio Estúdio, 2014. 1204 p.: il.

HARAGUCHI, L. M. M.; CARVALHO, O. B. de. (Org.). **Plantas Mediciniais**: do curso de plantas medicinais São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. 248 p., il.

IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Monitoramento do Bioma Caatinga 2002 a 2008**. Brasília: Centro de Informação, Documentação Ambiental e Editoração Luís Eduardo Magalhães (CID-Ambiental), 2010.
IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2010.

JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A.; STEVENS, P. F.; DONOGHUE, M. J. 2009. **Sistemática Vegetal**: um enfoque filogenético. 3ª Edição, Artmed.

KFFURI, C. W. **Caderno das nossas plantas medicinais**: instruções práticas e preparações tradicionais da fitoterapia brasileira. – CNPq, 2011, p. 58.

LIMA, H. C. 2000. Leguminosas arbóreas da Mata Atlântica: uma análise da riqueza, padrões de distribuição geográfica e similaridades florísticas em remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

LOIOLA, M. I. B.; ROQUE, A. de A.; OLIVEIRA, A. C. P de. Caatinga: Vegetação do semiárido brasileiro. **Ecologi@**, Lisboa, v. 4, n. 14, p.14-19, 2012.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA, V.E. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.23, n.3, p. 429-438, 2002.

MARTINS, R. da C. **Plantas medicinais da Caatinga**: uso e conhecimento popular em área urbana do município de Juazeiro – BA. 2012. 59f. (Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro). Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Juazeiro – Bahia, 2012.

MARTINS, E.R. et al. **Plantas Mediciniais**. Viçosa: Editora Universidade / UFV, 2000.

OLIVEIRA, G. L. de. **Etnobotânica nordestina**: plantas medicinais da comunidade Muribeca (Jaboatão dos Guararape-PE, Brasil). 2007. 84f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2007. [Orientadora: Dr^a Laise de Holanda Cavalcanti Andrade].

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul/dez, 2010. Editora UFPR.

POSSEY, D. A. **Etnobiologia: teoria e prática.** In: Ribeiro, B. (org). Suma etnológica brasileira – 1. Etnobiologia. Petrópolis, Vozes/Finep, pp. 15-25. 1987.

PRADO, DARIÉN E. As Caatingas da América do Sul. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e conservação da caatinga.** 2ª ed. Recife: Editora da UFPE, 2005, p. 3-73.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. **Etnobotânica: um instrumento para a valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional.** INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan/jun. 2015.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. **Uso e diversidades de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil).** REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS – Botucatu, v. 12, n. 1, p. 31-42. 2010.

REDDY, S. J. Climatic classification: the semiarid tropics and its environment – a review. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 18, p. 823-847, 1983.

SAMPAIO, E. V. S. B. Caracterização da caatinga e fatores ambientais que afetam a ecologia das plantas lenhosas. In: SALES, V. C. (Org.). **Ecossistemas brasileiros: manejo e conservação.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2003. p. 129-142.

SILVA, J. D.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. D.; LINS, L. V. **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação.** Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2004.

ANEXOS

ANEXOS

Formulário Geral Etnobotânico

1. Identificação

Local: _____
 Data/Hora: _____
 Identificação: _____ Nº Gravação (se houver): _____
 Nome completo: _____
 Idade: _____ Apelido: _____ Tempo de Residência no
 Local: _____

2. Socioeconômico

Renda Familiar: _____ Renda Pessoal: _____
 Ocupação(ões): _____
 Grau de Escolaridade:
 Analfabeto [] | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome [] apenas lê [] lê e
 escreve com dificuldade []
 Fundamental: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Médio: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Superior: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Habitação: Própria [] Alugada [] Outra situação []

3. Questões Gerais:

1. Sobre a flora local.
 - 1.1 Quais plantas ocorrem aqui?
 - 1.2 Quais usos são atribuídos a cada uma?
 - 1.3 Você utiliza essas plantas? Quais?
 - 1.4 Qual dessas plantas prefere utilizar das citadas?
 - 1.5 Onde é coletada e se cultiva?
 - 1.6 Onde é cultivada?
- 1.7 Quais servem para fins medicinais e todos os seus detalhes (pessoas)?
 - Qual parte utilizada?
 - Modo de Preparo?
 - Contra indicação?
 - Tratar qual tipo de doença?
- 1.8 Você aprendeu com quem esse conhecimento? Ensina a alguém?
- 1.9 Esse uso da planta você pratica atualmente ou apenas conhece e sabe de seu Potencial utilitário (pergunta para todas as categorias)?
- 2.0 Você pode informar se na comunidade existe um grande especialista em plantas?
- 2.1 O senhor (a) prefere usar o remédio de farmácia ou caseiro?

2.2 Qual a atuação dos agentes de saúde?

2.3 Quando senhor (a) tá doente procura um especialista local?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA

Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

**ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ, PARAÍBA.**

**GUARABIRA – PB
2018**

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

**ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves.

GUARABIRA – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D155e Damascena, Leandro Nascimento.
Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades rurais do município de Jacaraú, Paraíba. [manuscrito] / Leandro Nascimento Damascena. - 2018.
45 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves, Departamento de Geografia - CH."
1. Etnobotânica. 2. Plantas medicinais. 3. Caatinga. I.
Título

21. ed. CDD 615.321

LEANDRO NASCIMENTO DAMASCENA

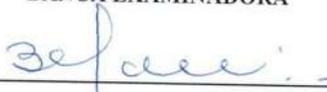
ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ/PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora, no
curso de Licenciatura Plena em
Geografia pela Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito à obtenção
de título de graduado em Geografia.

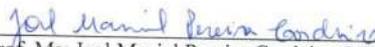
Área de concentração: Conservação
do Meio Ambiente e Sustentabilidade
dos Ecossistemas

Aprovada em: 29 / 11 / 2018.

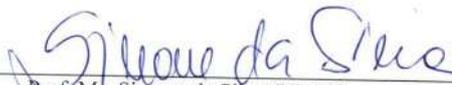
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves – Orientador – UEPB/CH/DG
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Joel Maciel Pereira Cordeiro (UEPB)
Mestre em Agronomia - UFPB



Prof. Ms. Simone da Silva (UEPB)
Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFPB

Aos meus pais, Dárcio e Marlene, minhas avós Eunice e Marli (*in memoriam*), meu avô Zeca, meus irmãos Léo Jaime e Laryssa, e minha amada Érika, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, pela renovação da força espiritual nos momentos de fraqueza, sem a qual não teria conseguido vencer esta batalha, à este agradeço pela vida, por minha família e por todos aqueles que trilham e comemoram comigo cada nova vitória durante esta caminhada.

Aos meus pais, José Dárcio Damascena e Marlene Jacinto do Nascimento, que mesmo diante de todas as adversidades da vida se mantiveram fortes e dedicados na criação de seus filhos, por todo amor, carinho e educação que me deram.

À Érika dos Anjos, minha amada, que esteve comigo durante toda a jornada acadêmica, me incentivando, mostrando-me que todas as dificuldades podem ser vencidas, a ela devo minha paixão pela leitura e pela sala de aula. Obrigado pelos momentos maravilhosos que vivemos dentro e fora da universidade, os quais continuaremos compartilhando, com mais frequência a partir de agora.

Aos meus irmãos Léo Jaime e Laryssa, quais estão comigo desde o princípio, enfrentando os obstáculos da vida na busca de um futuro melhor, breve chegará o momento em que olharemos para trás e veremos que tudo valeu a pena.

Ao meu professor e orientador Carlos Antonio Belarmino Alves, que apesar de não nos conhecermos, aceitou o desafio de me orientar. Obrigado por todos os conhecimentos e pela troca enriquecedora, você é um excelente profissional, sempre alegre e disposto a ajudar.

À Tereza Ribeiro, pela amizade sincera, por todas as gargalhadas e momentos que compartilhamos durante esta caminhada. Obrigado pelo auxílio de sempre, você é uma das poucas pessoas que levarei da universidade para a vida.

À Bruno Lemos meu amigo/irmão, que está ao meu lado a mais de uma década, me apoiando e auxiliando no que é possível, agradeço por tudo que você já fez por mim e por tudo que vivemos durante todo este tempo, conte comigo para o que precisar.

À Fabiano, Paulo e Leandro, amigos de longas datas, que sempre acreditaram no meu potencial. Vocês são os poucos amigos que tenho, mas com certeza são os melhores.

Aos amigos da Turma de Geografia 2013.1, Akyssiane, Claudiano, Edmilson, Emerson, Ênio, Érika, Dannyelle, Nayra, Shuelden, por todos os conhecimentos, brincadeiras e risadas que compartilhamos durante esta jornada. Vocês são pessoas especiais, com as quais quero manter contato.

À Angélica Fernandes, pelo auxílio na produção dos mapas desta pesquisa. Obrigado pela dedicação e preocupação em sempre fazer o melhor.

À Paulo e Rosemary, que se tornaram meus segundos pais. Obrigado pelo zelo e preocupação que vocês têm para comigo.

À Luis, que sempre acreditou no meu potencial e torceu para que eu concluísse a graduação, agradeço por todas as oportunidades e conselhos que você me deu, aprendi muito com você.

Aos moradores das comunidades rurais de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, do município de Jacaraú-PB, pela receptividade e contribuição de todos para com a realização desta pesquisa, sem a ajuda de vocês a mesma não poderia ser concluída.

À todos os professores que deram sua contribuição ao longo de minha formação, me espelharei nos melhores para ser o melhor. Que esse país um dia saiba reconhecer o valor da nossa profissão.

À todos (as) vocês, meu muito obrigado!

“O fim é nada, o caminho é tudo.”

(Monteiro Lobato)

RESUMO

A etnobotânica é a ciência que estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às propriedades medicinais destas, vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas. A utilização de plantas para fins medicinais é uma cultura milenar que esteve ligada a humanidade desde os seus primórdios, onde os homens utilizavam as plantas para sanar suas enfermidades. Esta pesquisa objetiva fazer um inventário de plantas utilizadas como fontes medicamentosas, pelos moradores das comunidades de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, localizadas na zona rural do município de Jacaraú, Paraíba, Nordeste do Brasil. Esta área é uma faixa de transição entre a Zona da Mata e a Caatinga, caracterizando assim o Agreste. Desse modo, nos propomos a identificar principalmente as espécies da Caatinga que servem de fonte medicamentosa para os moradores da região. Foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 12 mulheres e 8 homens, com idades entre 45 e 78 anos, os quais informaram por meio de entrevista semiestruturada as espécies medicinais, partes das plantas utilizadas, bem como modos de preparo e indicações. No total, 60 espécies de plantas foram citadas, identificadas e distribuídas em 40 famílias botânicas, a família Fabaceae foi a que apresentou o maior número de espécies. A parte mais citada pelos informantes no preparo dos medicamentos foi a folha, e o modo de preparo o chá por decocção. A maior parte das espécies citadas são nativas da região do Nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas medicinais; Caatinga.

ABSTRACT

Ethnobotany is a science that studies the interrelation of man with plants, trying to understand how the knowledge concerning the medicinal properties of these has been transmitted over time, and how they are explicit in different cultures. The use of plants for medicinal purposes is a millenary culture that was linked for humanity from the beginning, where men used plants for heal their needs. This research aims to make an inventory of plants used as drug sources by the residents in the Marfim, Lagoa da Mata, Marcação and Bacalhau, communities of the municipality of Jacaraú, Paraíba, Northeast of Brazil. This area is a transition zone between umid forest and the caatinga, characterized by Agreste. Thus we propose to identify mainly the species of caatinga that serves as a drug source for the residents of the region. Were interviewed 20 people, being 12 women and 8 men, aged between 45 and 78 years, who reported through a semi-structured interview the medicinal species, parts of the plants used, method of preparation and indications. Duerall, 60 species of plants were mentioned, identified and distributed in 40 botanic families, the family Fabaceae was the one that presented the largest number of species. The most cited part of the imformants in the preparation of the medicaments was the leaf and the preparation of the tea by decoction. Most of the species cited are native of the Northeast region of Brazil.

Key-words: ethnobotany; medicinal plants, caatinga.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
Cc	Casca do caule
Cf	Casca do fruto
CPRM	Serviço Geológico do Brasil
E	Exótica
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Fo	Folha
Fl	Flor
Fr	Fruto
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
N	Nativa
NC	Número de Citações
O	Origem
PSF	Programa Saúde Familiar
PB	Paraíba
Ra	Raiz
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
Se	Sementes
UBS	Unidade Básica de Saúde

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa de localização das comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, Região Oeste do município de Jacaraú/PB.....	20
--	----

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos entrevistados por profissão.....	25
Gráfico 2 - Famílias botânicas que apresentaram o maior número de espécies citadas.....	26
Gráfico 3 – Espécies da flora mais citadas pelos entrevistados nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau.....	27
Gráfico 4 – Parte das plantas mais utilizada no preparo de medicamentos.....	28
Gráfico 5 - Modo de preparo utilizado para fitoterápicos.....	30

Lista de Fotos

Fotos 1, 2 e 3 - Espécies mais citadas pelos entrevistados, registros em propriedades nas comunidades Marfim e Lagoa da Mata.....	28
Fotos 4 e 5 - Extração de partes das espécies mais citadas para o preparo de medicamentos, comunidade Marfim, Jacaraú/PB.....	29

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Plantas medicinais empregadas no tratamento de enfermidades pelos moradores das comunidades rurais de Jacaraú/PB.....	32
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Etnobotânica conceitos e antecedentes históricos.....	14
2.2 Conhecimento tradicional e etnobotânica.....	17
2.3 Caracterização e conservação da Caatinga.....	18
3. MATERIAIS E METODOS.....	19
3.1 Caracterização da área de estudo.....	19
3.2 Metodologia e coleta de dados.....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O uso de plantas para fins medicinais faz parte de uma cultura milenar que tem suprido as necessidades do homem no que se refere ao tratamento de diversos tipos de doenças. O homem primitivo dependia essencialmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das propriedades medicinais das plantas para curar-se (ALMEIDA, 2011). A relação homem/plantas tem se tornado objeto de estudo de diversas ciências como da ecologia, botânica e principalmente da etnobotânica.

A etnobotânica é a ciência que estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às aplicações fitoterápicas vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas (ALBUQUERQUE, 2005; MARTINS, 2012).

A etnobotânica pode ser compreendida como a ciência que estuda a inter-relação direta entre povos culturais e as plantas do seu meio. Aliando-se fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (ALBUQUERQUE, 2005). Dentro da etnobotânica, os conhecimentos sobre plantas medicinais são adquiridos naturalmente através das gerações de forma oral e tradicionalmente vão se perpetuando ao longo do tempo sem a necessidade de registros escritos.

Esses conhecimentos tradicionais relacionados às plantas medicinais constituem a base da medicina popular no Brasil, a qual é uma mistura de diversas culturas como a indígena, originária do país, europeia e africana, provenientes do período da colonização (MARTINS et al., 2000; CARTAXO, 2009). Diante da importância deste conhecimento, faz-se necessário um resgate das práticas tradicionais e populares no que se refere à utilização, manejo e conservação de fitoterápicos.

A pesquisa em etnobotânica possui diferentes metodologias de pesquisa pré-estabelecida, entre estes métodos está à observação participante e a técnica de lista livre, utilizada na realização desta pesquisa (ALBUQUERQUE et al., 2010). Por se tratar de uma ciência multidisciplinar, esta se combina com os sistemas conceituais da Antropologia cultural, Botânica e Ecologia (ALBUQUERQUE, 2005). Cabendo ao pesquisador promover meios para o resgate de conhecimentos e valorização das práticas tradicionais empregadas pelas pessoas da área em estudo, em relação aos conhecimentos fitoterápicos.

Dentre os biomas brasileiros, a Caatinga distingue-se por apresentar uma grande diversidade de plantas medicinais já consagradas pela farmacopeia, entretanto, o conhecimento popular sobre essas plantas, embora rico de informações, ainda é frequentemente mal aproveitado (MARTINS, 2012). A nossa investigação tem como finalidade, resgatar o conhecimento empírico, quanto ao uso e a conservação das plantas medicinais da Caatinga nesta área de transição entre o Agreste e a Zona da Mata, o que justifica a importância da pesquisa, visto que, são os poucos estudos realizados nesta área com base na etnobotânica.

A pesquisa é justificada por resgatar o conhecimento tradicional quanto ao uso da medicina popular, utilizando-se de plantas medicinais da caatinga. Esse conhecimento deve ser compartilhado e resgatado para que não se perca ao longo do tempo. E para que possam ser utilizadas principalmente pelas pessoas da zona rural, quais não dispõem de atendimento médico imediato em postos de saúde local. Principalmente no combate as doenças que não apresentam cuidados emergenciais e risco de vida das pessoas residentes nestas comunidades, tais como: dores de cabeça, má-digestão, gripes, resfriados, febre entre outras.

A nossa pesquisa objetiva conhecer as espécies nativas do bioma Caatinga e plantas exóticas, utilizadas como fontes medicamentosas nas comunidades rurais de Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau no município de Jacaraú/PB, Nordeste do Brasil. Como também averiguar o sistema de coleta e preparo dos medicamentos naturais, e conservação das espécies além de demonstrar a importância do conhecimento empírico e/ou etnobotânico, principalmente em comunidades rurais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Etnobotânica conceitos e antecedentes históricos

A etnobotânica é a ciência que estuda a relação dos homens com as plantas, suas formas de uso, utilização, e classificação para as diferentes sociedades. “Dentre as aplicações da etnobotânica destaca-se o estudo da interação de culturas humanas com as plantas de ação terapêutica” (CARTAXO, 2009, p. 17). Rocha et al. (2015, p. 67) diz ainda que “a etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos”.

Ao longo do tempo, a etnobotânica recebeu diversas definições, cada uma de acordo com as bases acadêmicas de seus idealizadores. Segundo Albuquerque (2005), é natural que

isto aconteça, tendo em vista que, a mesma se trata de uma ciência interdisciplinar, que fica entre a botânica e a antropologia cultural, recebendo assim, fortes influências teóricas.

A origem do conhecimento do homem em relação aos benefícios terapêuticos das plantas confunde-se com sua própria história. É provável que tenha surgido enquanto ele tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo (ALMEIDA, 2011).

O termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez em 1895 por J. B. Harshberger, para nomear o estudo sobre a utilização dos vegetais por aborígenes, e apontou maneiras pelas quais poderia ser útil à investigação científica (ALBUQUERQUE, 2005; AMOROZO, 1996; CARTAXO, 2009).

O homem primitivo dependia única e exclusivamente da natureza para sobreviver, em meio à utilização dos recursos naturais disponíveis, descobriu por acaso o poder medicinal das plantas e começou a utilizá-las para curar suas dores e enfermidades. Bevilacqua, Haraguchi e Carvalho (2010, p. 34), afirmam que “No processo histórico das plantas medicinais, muitas civilizações descreveram a utilização de vegetais como forma de medicamento em seus registros e manuscritos”.

Um dos manuscritos mais importantes e conhecido em todo o mundo, no que se refere à utilização de plantas para fins medicinais é o Papiro de Ebers, escrito no Antigo Egito, datado de aproximadamente 1550 a.C. Almeida (2011, p. 36) afirma que o Papiro inicia-se com uma frase audaciosa: “Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano (...)”.

Através deste, o mundo tomou conhecimento de várias espécies vegetais utilizadas pelos egípcios, como fonte medicamentosa a exemplo da Mirra, utilizada como anti-inflamatório, entre outras espécies que, serviam para aliviar as dores e curar as doenças do povo do antigo Egito, outras ainda eram utilizadas no processo de embalsamento para conservar o corpo dos seus mortos, já que, os mesmos acreditavam que eles ressuscitariam dos mortos (ALMEIDA, 2011).

A utilização de plantas como medicamentos, passou por um longo processo de adaptação social, assim como a medicina, visto que, sua prática se manteve por muito tempo associada a rituais mágicos e ritualísticos (MARTINS et al., 2000; OLIVEIRA, 2007). O uso de plantas em rituais curativos poderia ser caracterizado como bruxaria, podendo ocasionar na morte daqueles que detinham tal conhecimento. Nessa época, Botânica e Medicina caminhavam juntas e os médicos eram verdadeiros botânicos, detendo assim, grande

conhecimento sobre as propriedades das plantas, uma vez que a maior parte dos remédios era preparada a partir de plantas medicinais (MARTINS, 2012).

No decorrer dos anos, muitos conhecimentos perderam-se por diversos fatores, desde questões naturais, conflitos territoriais e imposição de costumes de outras culturas, como salienta Almeida (2011):

Preciosos conhecimentos perderam-se no decorrer da história das civilizações, extintas por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência das invasões gregas, romanas, muçulmanas e pelas colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas. No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco iminente de se perder essas importantes memórias culturais (ALMEIDA, 2011, p. 40).

Esse conhecimento que vem sendo passado de geração em geração ao longo dos séculos, vem se perdendo também pela falta de interesse dos mais jovens em adquirir tais saberes e pelas mudanças de hábitos culturais presente na nossa sociedade. O êxodo rural é um dos fatores que contribuem para esse processo, pois o homem ao chegar à cidade recorre às farmácias, lugar onde consegue adquirir medicamentos para todas as enfermidades sem o trabalho de prepara-lo. Portanto, os conhecimentos referentes às propriedades medicinais das plantas ficam em segundo plano, e conseqüentemente, vai sendo esquecido com o tempo, deixando de serem repassadas as futuras gerações, definhando gradativamente ate o seu fim.

Ao chegarem ao Brasil os europeus encontraram inúmeras plantas medicinais utilizadas pelos nativos. Os pajés possuíam o conhecimento das ervas locais e de seus usos, que eram transmitidos e aprimorados de geração em geração (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010).

“Os levantamentos etnomédicos realizados demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país” (ALMEIDA, 2011, p. 44). Regiões onde houve maior concentração dos povos que eram escravizados para trabalhar nas culturas de cana-de-açúcar e café. O Brasil possui uma flora significativamente diversa, com mais de 32.000 espécies de plantas superiores (BFG, 2015). Aliado a isso, o país apresenta ainda:

Diversidade étnica e cultural, com valioso conhecimento tradicional relacionado ao uso de plantas medicinais usadas na cura ou prevenção de doenças, e tem recebido atualmente maior atenção dos órgãos não governamentais e dos órgãos oficiais de saúde. (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010, p. 35).

A utilização de fitoterápicos para curar as enfermidades em comunidades rurais é uma prática corriqueira, tendo em vista o difícil acesso ao atendimento básico de saúde e a rede de farmácias pelos habitantes dessas localidades. Outro fator que influencia o tratamento de doenças com os fitoterápicos é a renda familiar do homem do campo, que opta pelo tratamento natural por ter um custo menor como afirma Maciel et al (2002); Martins (2012):

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de várias comunidades e grupos étnicos. Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas, em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais das residenciais (MACIEL et al., 2002; MARTINS, 2012, p. 20).

No Nordeste brasileiro é comum encontrarmos tanto em feiras livres quanto em pequenos estabelecimentos a comercialização de plantas medicinais, que são vendidas em pequenas porções com preços acessíveis (ALVES et al., 2016). Podemos encontrar tanto a planta, dependendo do seu porte, como cascas, sementes, folhas e frutos, além dos preparados como garrafadas, xaropes, licores entre outros.

2.2 Conhecimento tradicional e etnobotânica

Os povos tradicionais se caracterizam por saberem usar os recursos naturais de forma a não alterarem seus princípios de funcionamento, tampouco pôr em risco as condições de reprodução dos ecossistemas (CARVALHO e LELIS, 2014). Devido estarem intimamente ligados à natureza, estes atribuem a ela respeito, e aprendem a utiliza-la sem provocar grandes danos, permitindo assim sua rápida regeneração.

Esses acumulam em seu interior conhecimentos valiosos, sobre a flora e fauna das comunidades, onde vivem denominados de “conhecimentos tradicionais”, que são transmitidos de geração em geração, através da oralidade. Como afirma Diegues e Viana (2004, p. 14) “Conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos, em geral, oralmente de geração em geração”.

“Ao articular as características das populações tradicionais e a produção dos seus conhecimentos, tornam-se perceptíveis à relação de dependência entre ambos e a servidão dos mesmos com os recursos naturais” (PEREIRA e DIEGUES, 2010, p. 43).

Em comunidades tradicionais, perpetua-se uma relativa simbiose entre ser humano e natureza, tanto em sua práxis quanto no campo simbólico, o saber imanente desses grupos acumula, favorece e mantém o conhecimento sobre este território onde é vital

que se reconheça a importância da transmissão desse saber às novas gerações (ROCHA et al, 2015, p. 68).

A construção do conhecimento tradicional sempre está atrelada a elementos da natureza, o conhecimento sobre a fauna ou flora de um determinado local é daqueles que convivem diariamente com ela, desse modo, às pessoas que vivem em comunidades rurais e/ou Ribeirinhas, são as que detêm maior conhecimento sobre as espécies animais e vegetais do local.

2.3 Caracterização e conservação da Caatinga

O bioma da Caatinga localiza-se todo entre a linha do Equador e o Trópico de Capricórnio, dispondo assim durante todo o ano de grande intensidade luminosa. As altitudes são relativamente baixas, temperaturas altas e pouco variáveis, com médias anuais entre 25°C e 30°C. A média de precipitação anual oscila entre 300 mm, na região do Cariri a pouco mais de 1000 mm nas zonas limítrofes da Caatinga (SAMPAIO, 2003; REDDY, 1983; GARIGLIO et al., 2010).

A Caatinga é uma vegetação típica do Nordeste brasileiro, formada por plantas adaptadas a longos períodos de seca. A mesma se apresenta em nove estados: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Seu nome é de origem indígena e significa “mata branca”, devido à coloração acinzentada que adquire quando perde sua folhagem no período da seca (EMBRAPA, 2007).

Considerada pelo Ministério do Meio Ambiente como um dos grandes biomas brasileiros, abrangendo 734 mil km², a sua vegetação caracteriza-se por possuir florestas arbóreas ou bosques arbustivos, abrangendo principalmente árvores e arbustos baixos, muitos dos quais apresentam espinhos, microfilia e algumas características xerofíticas, que recebem a denominação de florestas secas, entretanto, formados por diversas fisionomias (SILVA, J. et al., 2004; PRADO, 2005; ALBUQUERQUE et al., 2010; ALVES, 2015).

A biodiversidade da Caatinga destaca-se por conter uma grande variedade de espécies vegetais, muitas endêmicas, surge daí a importância de estudos científicos aprofundados e investimentos por parte do governo para que este recurso seja aproveitado de forma sustentável (GIULIETTI et al., 2002; ALVES, 2015).

A Caatinga apresentou em 2010 uma média de 443.121 km² de área desmatada, que veio aumentando gradativamente a cada ano, sendo que de 2008 para 2010, aumentou de 43% para 45%, respectivamente (IBAMA, 2010). O uso inadequado dos recursos da Caatinga pode

levar ao desaparecimento de algumas espécies e, conseqüentemente, a perda da biodiversidade. A Caatinga deve ser considerada patrimônio biológico de valor incalculável e ser preservada e protegida, tendo em vista que a mesma é o único bioma exclusivamente brasileiro (EMBRAPA, 2007).

As plantas nativas deste bioma apresentam inúmeras utilidades, e podem ser aproveitadas de diversas maneiras como fonte medicinal, de alimento e abrigo para abelhas, forrageiras, frutíferas, fonte de óleo, cera e fibras, madeireiras e energéticas, ornamentais (EMBRAPA, 2007). Esses recursos podem ser explorados sustentavelmente em diversas atividades econômicas, o que ajudará na geração de renda e, conseqüentemente, na fixação do homem do campo, no entanto, poderá ocorrer também uma grande degradação ambiental, caso não seja realizada de forma organizada (ALVES, 2015).

É necessário incentivo para a pesquisa na Caatinga, permitindo assim o maior conhecimento da biodiversidade presente neste bioma, o que acarretará em novas formas de uso e conservação destes recursos por parte da comunidade local (LOIOLA et al., 2012; ALVES, 2015). Faz-se necessário também a divulgação dos resultados nas comunidades situadas no bioma, para que as mesmas possam criar meios de utilização dos recursos da caatinga, gerando o mínimo impacto possível.

3. MATERIAL E METODOS

3.1 Caracterização da área de estudo

O município de Jacaraú está localizado na mesorregião geográfica da Zona da Mata Paraibana, mais especificamente na microrregião do Litoral Norte da Paraíba, a sede do município tem altitude média de 170 metros ficando a 96 km da capital do estado, João Pessoa. O acesso a partir de João Pessoa é feito pelas rodovias BR 101/PB 071. Sua área é de 253,033 Km² representando 0.4486% do estado da Paraíba, 0.0163% da região Nordeste e 0.003% do território brasileiro (IBGE, 2010). Criado em 1961, a população total é de 13.942 habitantes. Seu Índice de desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,558 O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IBGE, 2010).

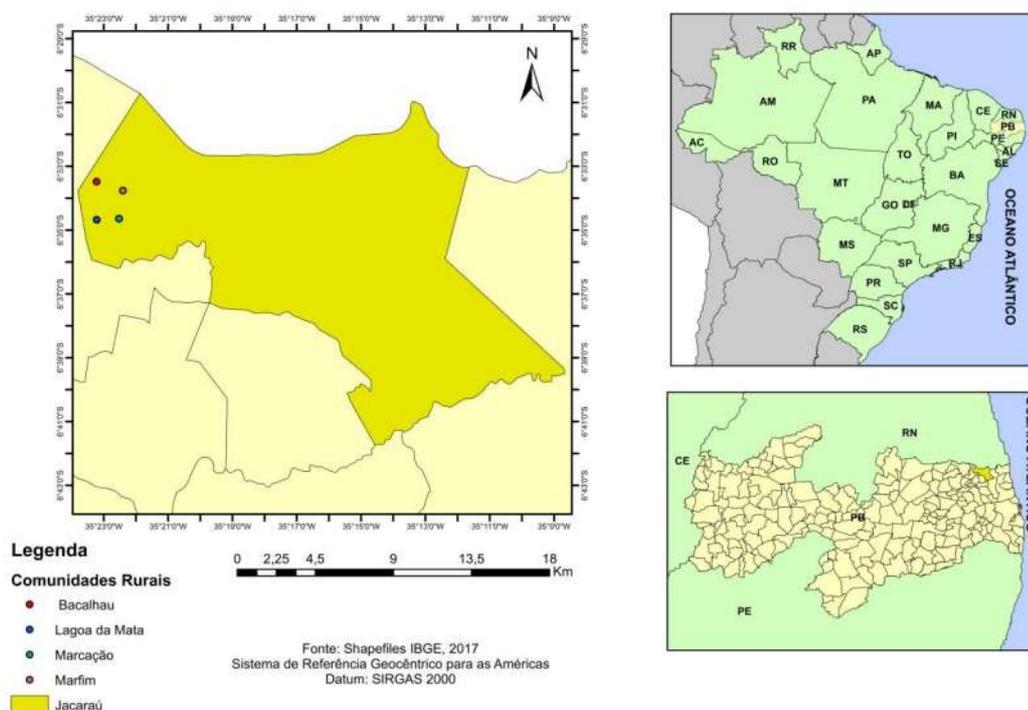
O município de Jacaraú está predominantemente inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o Nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas. De modo geral, os solos são profundos e de

baixa fertilidade natural. Parte de sua área, a oeste, se insere na unidade geoambiental das Depressões Sertanejas (CPRM, 2005).

O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono tendo início em fevereiro e término em outubro. A precipitação média anual é de 1014 mm. A vegetação é predominantemente do tipo Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia e Cerrado/ Floresta (IBGE, 2010).

A pesquisa foi realizada em quatro comunidades rurais da zona oeste do município de Jacaraú, entre os dias 04 de setembro e 23 de outubro de 2018, com visitas semanais, as mesmas ficam a cerca de 17 km distantes do centro da cidade, são elas: Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau. A seleção destas comunidades levou em consideração sua localização, já que as mesmas se encontram em área de transição entre a Zona da Mata e a Caatinga, caracterizando o Agreste que apresenta assim resquícios de Caatinga.

Figura 1 – Mapa de localização das comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, Região Oeste do município de Jacaraú/PB.



Fonte: IBGE adaptado, 2018.

As comunidades são todas interligadas e, juntas dispõem de luz elétrica, uma escola municipal com vagas para alunos do Fundamental I até o 5º ano, a partir do 6º ano as crianças tem que se deslocar para escolas próximas a cidade que dispõem de turmas até o 9º ano. Conta também com uma associação comunitária, onde ocorrem apenas reuniões trimestrais, seis açudes comunitários no qual as pessoas lavam suas roupas e banham os animais, dois poços artesianos que se encontravam desativados devido à água ser salobra, e uma capela (em construção) para realização de celebrações, todos esses equipamentos sociais são de uso comum das quatro comunidades.

Nestas localidades o abastecimento de água potável é realizado através da operação carro pipa do exército brasileiro, nas residências que possuem cisternas ou reservatórios de grande porte, as pessoas que não dispõem de reservatórios como cisternas e/ou caixas d'água, pegam a água no vizinho mais próximo em carros de mão e/ou carroças.

Em nenhuma das comunidades há postos de saúde, o atendimento médico é realizado no sítio Formosa em uma UBS que fica a 5 km das comunidades estudadas, o agendamento é realizado pelo agente de saúde, qual segundo o mesmo, cada comunidade tem um dia específico para atendimento e contam apenas com 8 fichas, as pessoas que necessitam de atendimento médico imediato se dirigem a cidade onde há dois PSF e um Centro de Saúde.

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, as quatro comunidades possuem 50 famílias, totalizando 140 pessoas cadastradas no Programa de Saúde Familiar - PSF, e não contam com saneamento básico nem pavimentação. Existe apenas um comércio de pequeno porte na comunidade Lagoa da Mata, que supre as necessidades básicas dos moradores das quatro comunidades.

A maior parte destas famílias tem sua renda proveniente da agricultura, cultivando principalmente mandioca, já que a região não dispõe de grandes recursos hídricos (rios e barragens). Outra atividade que se destaca é a criação de animais como: aves, caprinos, bovinos e suínos, em menor quantidade para comercialização e consumo. Boa parte das famílias tem trocado o trabalho na agricultura pelo beneficiamento de castanha de caju, que tem transformado a vida das famílias da região, gerando renda durante todo o ano, quando questionados pelo motivo da mudança de atividade, estes responderam que o fator que mais contribuiu para essa transição foi à escassez de chuvas na região.

3.2 Metodologia e coleta de dados

Os dados desta pesquisa referente aos conhecimentos etnobotânicos, foram coletados nas quatro comunidades por meio de entrevistas semiestruturadas (ALBUQUERQUE et al., 2010), na qual foram aplicados 20 questionários com 17 questões abertas (Anexo), que foram elaborados pelo autor antes de ir a campo. Os informantes foram 12 mulheres e 8 homens. A pesquisa foi iniciada no dia 04 de setembro, onde foram apresentados aos informantes o projeto da pesquisa com seus objetivos. Após a apresentação os mesmos se dispuseram a participar voluntariamente fornecendo todos os dados necessários.

A metodologia empregada na pesquisa etnobotânica abrange técnicas de diferentes áreas de conhecimento, procurando definir recortes interdisciplinares que possibilitem as investigações a cerca da questão em foco da forma mais completa possível (AMOROZO et al., 2002; GANDOLFO, 2010).

A pesquisa em etnobotânica possui diferentes metodologias de pesquisa pré-estabelecida, entre estes métodos está à observação participante e a técnica de lista livre, utilizada na realização desta pesquisa (ALBUQUERQUE et al., 2010). “Os métodos de pesquisa etnobotânico se combinam com os sistemas conceituais da Antropologia cultural, Botânica e Ecologia” (ALBUQUERQUE, 2005, P. 31). Desse modo, cabe ao pesquisador encontrar meios com os quais as pessoas entrevistadas se sintam a vontade para expor seus conhecimentos.

Deve-se também levar em consideração na realização da pesquisa de campo alguns fatores como: estudar a botânica desenvolvida por outras culturas, tratar os informantes como especialistas no assunto, estabelecer um contato amigável, não rejeitar nenhum dado, pedir sempre permissão para gravação de áudios ou vídeos, participar sem alterar o curso normal dos informantes, não impor suas próprias ideias, clarear conceitos e evitar perguntas etnocêntricas (D. POSEY, 1987; ALBUQUERQUE, 2005).

Nas entrevistas realizadas foi utilizada a técnica de lista livre, na qual os entrevistados citam todas as espécies de plantas medicinais que conhecem e/ou usam (CARTAXO, 2009; ALBUQUERQUE, et al., 2007). Nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, nosso foco centralizou-se nas pessoas mais idosas, ou aquelas que possuíam maior conhecimento sobre a flora local. Também foram realizados registros de dados socioeconômicos dos entrevistados, tais como: nome, apelido, idade, ocupação, nível de escolaridade, renda e tipo de habitação (própria, alugada, ou outros) (Anexo).

As espécies vegetais citadas nas entrevistas foram identificadas por meio de bibliografias especializadas para a identificação das mesmas. Após essa identificação as plantas foram apresentadas em uma tabela (Tabela 01) com suas respectivas famílias

botânicas, nomes científicos, nomes populares, origem (classificadas em nativas e exóticas) formas de utilização, modo de preparo dos fitoterápicos e número de citações atribuído a cada espécie (BATISTA e OLIVEIRA, 2014).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

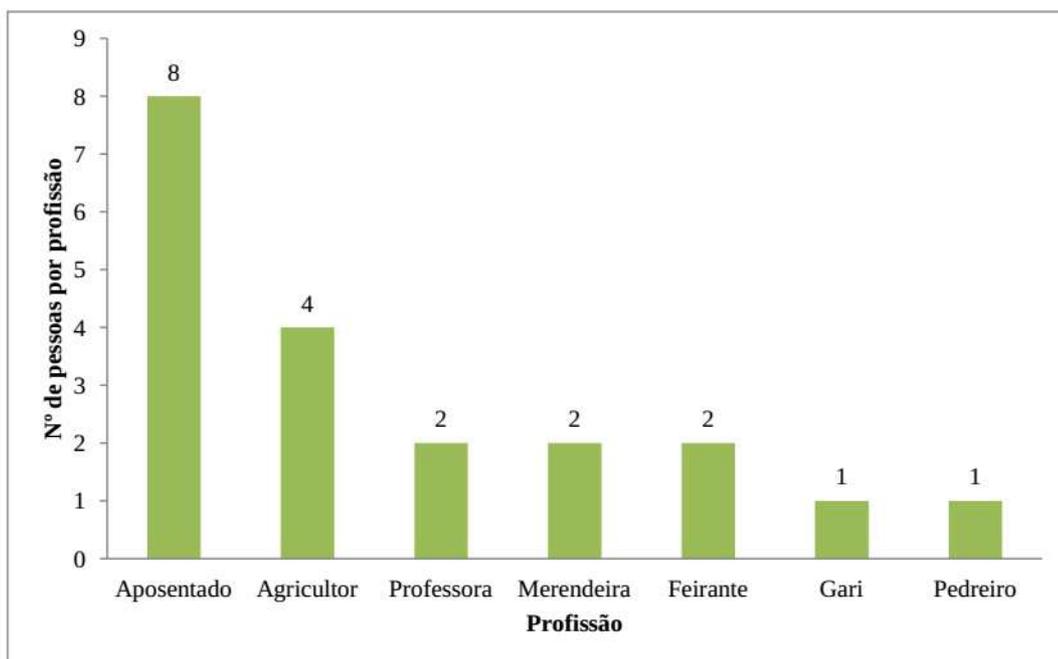
Foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 12 mulheres (60%) e 08 homens (40%). A predominância das mulheres se deve ao horário de realização das entrevistas, efetuadas sempre no período da manhã, onde os homens se encontravam trabalhando. A idade dos entrevistados variou entre 45 e 78 anos, o tempo em que os mesmos residem nas comunidades oscilou entre 18 e 78 anos.

A aplicação das entrevistas foi destinada sempre aos chefes de família (homens e mulheres responsáveis pela residência). No momento em que o responsável não se encontrava em casa, foi realizada uma nova visita para obtenção dos dados (CARTAXO, 2009). Não houve recusa de participação por parte dos moradores de nenhuma das quatro comunidades, os mesmos sempre estiveram dispostos para contribuir na realização desta pesquisa. As entrevistas foram sempre realizadas dentro das residências, na sala, área ou alpendres, o que demonstra a boa receptividade por parte dos moradores.

Os entrevistados eram em sua maioria aposentados e agricultores, como demonstrado no gráfico abaixo (Gráfico 01), com baixos níveis de escolaridade. Nos entrevistados estavam inclusas duas professoras são formadas pelo Magistério que trabalham na alfabetização dos alunos da educação infantil. Os restantes das mulheres frequentaram a escola, mas não concluíram o Fundamental II, a maior parte dos homens relatou que frequentou a escola por alguns anos, mas segundo os mesmos, não conseguiram desenvolver habilidades de escrita e leitura, pois em horário oposto as aulas tinham que ajudar seus pais, não sobrando tempo para se dedicarem as atividades escolares.

Todos os entrevistados moram em sítios próprios, que em média chega a medir cinco hectares de terra, boa parte destes é proveniente de herança. A renda média das famílias fica em torno de dois salários mínimos e meio, levando-se em consideração todos os proventos. Segundo os próprios sitiantes a maior parte de suas rendas é proveniente de suas propriedades de atividades como: agricultura (Plantação de milho, feijão e mandioca), da criação de animais de pequeno porte (aves, ovinos, caprinos e suínos) e o trabalho com beneficiamento da castanha de caju. Por iniciativa própria 60% (12 pessoas) dos entrevistados relataram que são beneficiários do programa Bolsa Família do Governo Federal.

Não há em nenhuma das comunidades registro de renda superior a cinco salários mínimos. Resultados próximos a estes foram obtidos em estudo realizado no município de Palmeiras das Missões, RS, Brasil, onde a renda dos entrevistados é inferior a três salários mínimos (BATTISTI, et al., 2013).

Gráfico 1 – Distribuição dos entrevistados por profissão

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

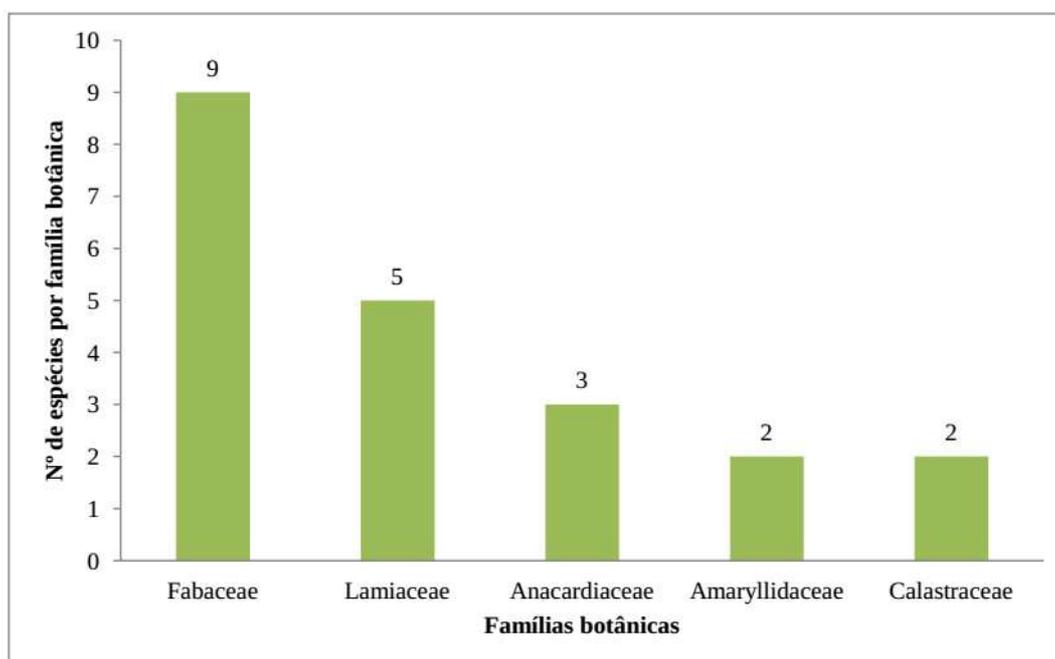
As espécies citadas pelos entrevistados foram identificadas através de bibliografias especializadas e distribuídas em trinta e nove famílias botânicas diferentes, dentre estas as que apresentaram o maior número de espécies de acordo com as citações dos entrevistados foram respectivamente Fabaceae (9 citações), Lamiaceae (5 citações), Anacardiaceae (3 citações), Amaryllidaceae (2 citações) e Calastraceae (2 citações), como apresenta o gráfico abaixo (Gráfico 2).

A “Fabaceae é considerada a maior família botânica no Brasil, com 2.100 espécies e 188 gêneros, dos quais 31 são endêmicos, estando representada em todos os biomas brasileiros” (LIMA, 2000; ANDRADE et al., 2009, p. 737).

Fabaceae “são facilmente reconhecidas por possuírem folhas geralmente composta, filotaxia alterna, com estípulas, pulvinos bem desenvolvidos e fruto frequentemente legume” (JUDD et al., 2009; CAMPOS, 2016, p. 16).

Foram obtidos resultados semelhantes a estes em relação à representatividade da família Fabaceae em estudos etnobotânicos realizados na zona urbana do município de Lapão, no interior do estado da Bahia, no Nordeste brasileiro (BATISTA e OLIVEIRA, 2014) e na comunidade de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte, também localizada no nordeste do Brasil (ROQUE, et al., 2010).

Gráfico 2 – Famílias botânicas que apresentaram o maior número de espécies citadas.



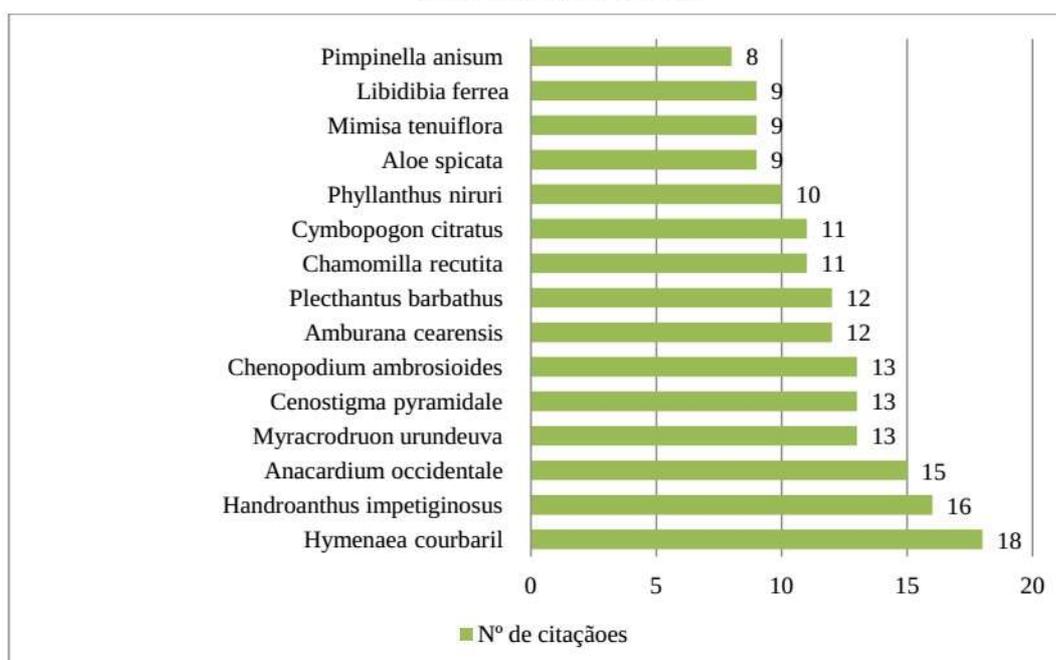
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Em nossa pesquisa foram citadas pelos entrevistados 60 espécies de plantas (Tabela 1) com fins medicinais, entre essas se destacam (Gráfico 03) *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá) (18 citações), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (Pau d'arco-roxo) (16 citações), *Anacardium occidentale* L. (Cajueiro-roxo) (15 citações), *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira) (13 citações), *Cenostigma pyramidale* (Tul.) (Catingueira) (13 citações), *Chenopodium ambrosioides* Hance (Mastruz) (13 citações), *Amburana cearensis* (Allemão) A. C. Sm. (Cumaru) (12 citações), *Plecthantus barbathus* Andrews (Boldo) (12 citações), *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert (Camomila) (11 citações), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) (11 citações), *Phyllanthus niruri* L. (Quebra-pedra) (10 citações), *Aloe spicata* L. f. (Babosa) (9 citações), *Mimisa tenuiflora* (Willd.) Poir. (Jurema-preta) (9 citações), *Libidibia ferrea* Lam. (Jucá) (9 citações), *Pimpinella anisum* L. (Erva-doce) (8 citações).

Hymenaea courbaril (Jatobá) é uma árvore nativa do Brasil, que se apresenta com aproximadamente 15 a 20 m de altura, com copa ampla e densa, troco relativamente cilíndrico que pode atingir 1m de diâmetro (GRANDI, 2014). Está foi à espécie citada por quase todos os entrevistados, que é indicada para o tratamento de enfermidades como: câncer de próstata, infecção urinaria, inflamações em geral, úlcera, catarro no peito, asma, tosse, gripe, fastio, além de ser boa para a memória. A parte mais utilizada é a casca, também se utilizam os

frutos e a resina. O modo de preparo mais utilizado no procedimento de medicamentos a base desta planta, citada pelos informantes, é a decocção, infusão e lambedor.

Gráfico 3 – Espécies de plantas medicinais mais citadas pelos entrevistados nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Handroanthus impetiginosus conhecida popularmente como Pau d'arco roxo ou Ipê-roxo, também obteve destaque entre as citações dos moradores das comunidades pesquisadas, está se apresenta como uma árvore que chega a medir de 25 a 30 m de altura, seu caule tem entre 60 e 80 centímetros de diâmetro, mais ou menos reto e cilíndrico, suas folhas caem durante a floração que cobrem a planta quase toda (GRANDI, 2014). Segundo os moradores ela é usada para o tratamento de doenças como: gripe, tosse, diabetes, câncer, úlcera, gastrite e alergias. Utiliza-se a casca e as folhas, dentre as formas de preparo está à decocção, infusão e maceração.

Anacardium occidentale (Caju roxo) é uma árvore originária da América do Sul, comumente tortuosa e baixa, apresenta fruto aquênio reniforme de 2 cm, dependente de um receptáculo carnoso, mais ou menos piriforme, com tonalidade variante entre o amarelo e vermelho, aromático e comestível (GRANDI, 2014). É indicado no tratamento de enfermidades como, gripe, irritações na garganta, também pode ser cicatrizante, utilizando as flores e casca do caule para infusão, decocção, xarope e garrafadas.

Fotos 1, 2 e 3 - Espécies mais citadas pelos entrevistados, registros em propriedades nas comunidades Marfim e Lagoa da Mata.



A: *Himenaea courbaril*

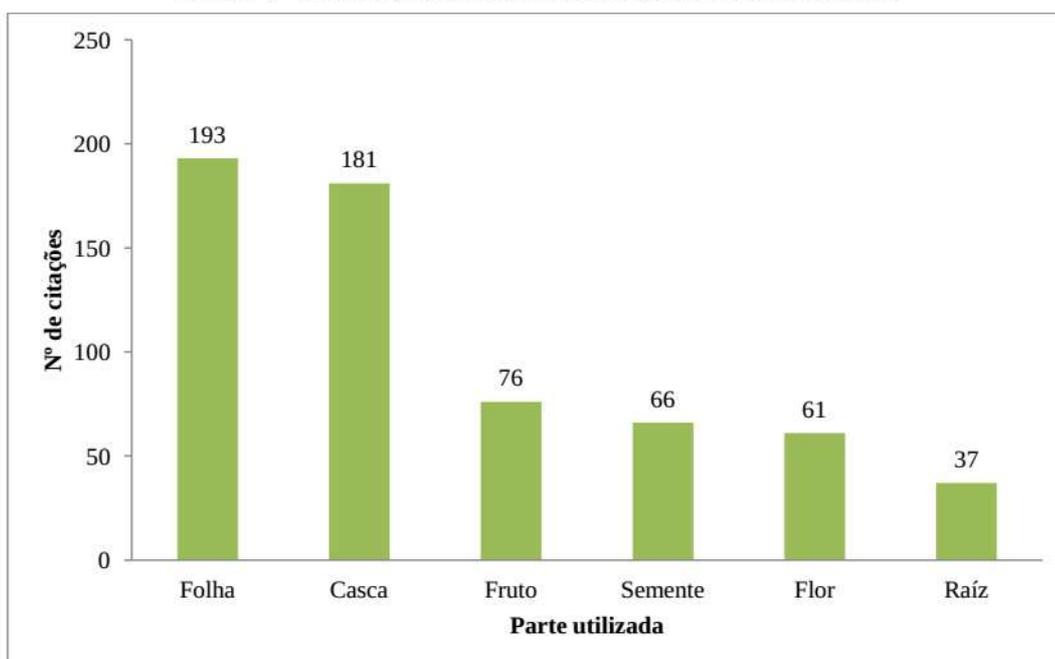
B: *Handroanthus impetiginosus*

C: *Anacardium occidentale*

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Ao questionar os informantes sobre as partes das plantas utilizadas no preparo dos medicamentos, houve sobressalto no número de citações da folha com (193 citações), casca (181 citações), fruto (76 citações), semente (66 citações), flor (61 citações) e raiz (37 citações) como podem observar abaixo (Gráfico 04).

Gráfico 4 – Parte das plantas mais utilizada no preparo de medicamentos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O mesmo foi constatado por Batista e Oliveira (2014), em estudo realizado no semiárido baiano, município de Lapão, BA, por Batitisti et al., (2013) em Palmeira das Missões, RS e por Freitas et al., (2012) em levantamento etnobotânico realizado no município de São Miguel, RN .

Fotos 4 e 5 - Extração de partes das espécies mais citadas para o preparo de medicamentos, comunidade Marfim, Jacaraú/PB.



Folha, casca e fruto (*Himenaëa courbaril*).



Casca (*Anacardium occidentale*)

Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

A predominância do uso da folha é comum em estudos sobre plantas medicinais, a explicação mais provável para isso, é dada pelo fato delas serem mais acessíveis e estarem disponível por todo o ano, além de apresentarem concentração de grande parte dos nutrientes das plantas (OLIVEIRA, 2007; BATTISTI et al., 2013).

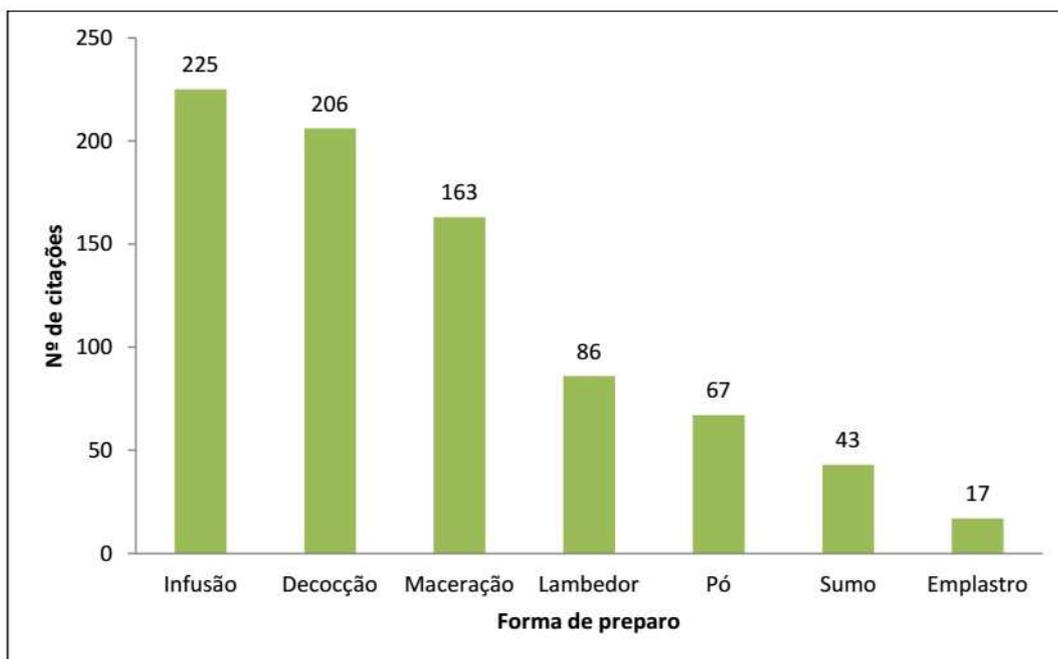
No que se refere às formas de preparo dos fitoterápicos foram citadas sete formas diferentes (Gráfico 04), nas quais se destacam os chás por infusão (225 citações), decocção (206 citações) e por, além da maceração (163 citações), lambedor (86 citações), pó (67 citações), sumo (43 citações), e emplastro (17 citações).

Os chás (decocção e infusão) são as formas de preparo mais utilizadas de acordo com vários estudos etnobotânicos. A decocção consiste no chá feito a partir se sementes, raízes ou cascas, que são mais resistentes e necessitam de um tempo maior de cozimento, já a infusão é o chá feito com folhas, flores e/ou ramos maleáveis, onde a água quente é despejada em um recipiente sobre a planta que em seguida é abafada (KFFURI, 2011).

Dados parecidos foram obtidos em pesquisa realizada por Cordeiro e Felix (2014, p. 691) onde eles afirmam que “a preparação dos medicamentos a partir de espécies vegetais é realizada, sobretudo por meio da decocção e infusão”, em levantamento etnobotânico realizado na zona rural do município de Serra da Raiz, localizado no Agreste Paraibano.

Battisti et al., (2013) também observa em seus estudos que os chás estão entre as formas de preparo mais utilizadas.

Gráfico 5- Modo de preparo utilizado para fitoterápicos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A maior parte das espécies citadas são puramente brasileiras ou nativas da região Nordeste, como o *Ziziphus joazeiro* Mart. (Juá), *Mimisa tenuifolia* (Willd.) Poir. (Jurema preta) e o *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira), como foi observado pelos pesquisadores Batista e Oliveira (2014) e por Freitas et al., (2012) em estudos etnobotânicos realizados na região Nordeste.

Entre as enfermidades que são frequentemente tratadas com plantas medicinais nas quatro comunidades, se destacam as quais pertencem ao Transtorno do Sistema Respiratório, como tosse, resfriados, gripes, inflamações de garganta, bronquite, asma, resultados semelhantes foram obtidos por Roque et al., (2010), em estudos em área de Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte.

Nas quatro comunidades foram citadas praticamente as mesmas espécies, com indicações e formas de preparo iguais e/ou semelhantes, isto se deve ao fato dos moradores destas comunidades fazerem parte do mesmo convívio social e compartilharem dos

conhecimentos etnobotânicos entre si. Como também pelo tamanho e distancia das comunidades que por serem pequenas ficam unidas na paisagem.

Tabela 1 – Plantas medicinais empregadas no tratamento de enfermidades pelos moradores de comunidades rurais de Jacaraú/PB. Abreviações: Origem: N - Nativa, E - Exótica; NC: Número de citações. Localidade: A – Marfim, B – Lagoa da Mata, C – Marcação, D – Bacalhau. Partes utilizadas Fo - Folha, Fl – Flores, Cc - Casca do caule, Cf - Casca do fruto, Ra - Raiz, Se - Sementes.

Família / Nome científico	Nome Vulgar	Origem	Localidade / NC				Parte Utilizada	Preparo	Indicação terapêutica
			A	B	C	D			
ADOXACEAE									
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlidl.	Sabugueira	E	-	-	4	-	Fo	Infusão	Doenças do fígado.
AMARANTHACEAE									
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	N	-	-	-	2	Fo	Infusão	Todos os tipos de dores.
AMARYLLIDACEAE									
<i>Alilium cepa</i> L.	Cebola branca	E	2	3	4	-	Fo, Fl	Infusão, lambedor.	Gripe, gases, prisão de ventre, hipertensão.
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	E	-	-	3	2	Dentes	Decocção, emplasto	Má digestão, asma, bronquite, sinusite, gripe.
ANACARDIACEAE									
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	N	5	5	3	4	Cc, Fl	Decocção, infusão maceração.	Diabetes, cicatrizante, inflamação, dor de garganta, catarro, gripe.
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	N	5	-	4	3	Cc, Fo	Decocção, infusão, lambedor, pó.	Anti-inflamatório, cicatrizante, dor de garganta, ferimento no colo do útero.
<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Braúna	N	-	-	3	1	Fo, Cc	Decocção, infusão.	Cicatrizante, anti-inflamatório.
APIACEAE									
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	E	2	4	2	-	Fo, Fl, Se	Infusão.	Calmante, prisão de ventre, cólica, má digestão.

Continuação...

Continuação.

ARECACEAE										
<i>Syagrus cerensis</i> Noblick	Coco catolé	N	-	2	1	1	Ra	Maceração.	Câncer de próstata.	
ASTERACEAE										
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Camomila	E	2	3	3	-	Fl, Se	Infusão.	Calmante.	
BIGNONIACEAE										
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	N	5	3	3	3	Cc	Decocção, pó, maceração.	Gripe, tosse, diabetes, câncer, ulcera, gastrite.	
BROMELIACEAE										
<i>Ananas comusus</i> (L.)	Abacaxi	N	-	2	1	1	Fr	Lambedor.	Gripe, tosse, resfriados.	
BIXACEAE										
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	N	1	-	-	-	Fo, Se	Decocção, infusão, lambedor, maceração,	Bronquite, tosse, gripe, garganta inflamada.	
CARICACEAE										
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	E	-	-	2	-	Fo, Fr	In natura, Infusão.	Laxante, ajuda na digestão.	
CALASTRACEAE										
<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	E	1	-	-	-	Fo	Sumo.	Anemia.	
<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Bom nome	N	-	-	2	2	Cc	Decocção.	Problemas nos rins.	
CHENOPODIACEAE										
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hancer	Mastruz	N	-	4	5	3	Fo, Se	Infusão, emplasto, sumo.	Catarro no peito, gripe, tosse, má digestão.	
CONVOLVULACEAE										
<i>Operculina hamiltonii</i> (G. Don) D.F. Austin & Staples	Batata de pulga	N	-	-	3	1	Ra	Decocção, maceração.	Laxante.	
COSTACEAE										

Continuação...

Continuação.

<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo	N	-	-	3	2	Fo, Ca	Decocção, infusão.	Diabetes, calculo renal.
CRASSULACEAE									
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	E	1	4	1	2	Fo	Sumo, lambedor.	Bronquite, tosse, cicatrizante.
CUCURBITACEAE									
<i>Mormodica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	E	-	1	2	2	Fr, Se	Cataplasma.	Sarna, rabugem, impinge.
EUPHORBIACEAE									
<i>Croton argyrophyloides</i> Mull.Arg.	Marmeleiro -branco	N	1	-	-	1	Cc, Fo	Decocção, infusão.	Má digestão, diarreia.
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	N	-	1	3	2	Fo, Su	Infusão, sumo.	Verrugas, cicatrizante, anti-inflamatório.
FABACEAE									
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	N	3	-	1	-	Cc	Decocção, maceração.	Cicatrizante, anti-inflamatório.
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Cumarú	N	5	4	2	2	Cc	Decocção, infusão, maceração.	Bronquite, asma, tosse, gripe, catarro no peito, azia.
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	N	1	1	1	2	Cc	Decocção, maceração, lambedor.	Garganta inflamada, gripe, tosse, cicatrizante, câncer.
<i>Hymenoca courbaril</i> L.	Jatobá	N	5	5	3	4	Cc, Se, Fr	Decocção, maceração, lambedor pó.	Fastio, tosse, gripe, catarro no peito, câncer de próstata, infecção urinaria, anti-inflamatório.
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Jucá	N	2	1	2	2	Cc, Se	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante, tétano, constipação.

Continuação...

Continuação.

<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) E. Gagnon & G.P. Lewis	Catingueira	N	3	2	3	4	Cc, Fl	Decocção, pó, maceração, lambedor.	Anti-inflamatório, pneumonia, catarro no peito, gripe, disenteria.
<i>Mimisa tenuifolia</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	N	2	2	5	-	Cc	Decocção, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	N	-	-	-	2	Fo, Cc	Decocção, infusão, maceração.	Colesterol, gripe.
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	N	-	-	-	3	Cc	Decocção.	Calmante, tranquilizante.
GERANIACEAE									
<i>Pelargonium graveolens</i> L' Hér	Malva rosa	E	-	3	3	-	Fo	Infusão, lambedor.	Cansaço, cólica, garganta inflamada, tosse.
LAMIACEAE									
<i>Leonotis neptaeoli</i> (L.) R.Br	Cordão de São Francisco	E	3	-	-	1	Fr	Maceração.	Dor de barriga, má digestão.
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	E	2	4	3	3	Fo	Infusão.	Dor de barriga, diarreia, má digestão.
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	N		2	2	-	Fo	Infusão.	Dor de barriga, resfriado, inflamação no fígado.
<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	E	-	2	4	-	Fo	Infusão, lambedor.	Ameba, gripe.
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca	E	2	-	-	-	Fo	Infusão.	Gripe, sinusite.
LAURACEAE									
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	E	-	2	3	2	Fo	Infusão.	Cólica, calculo renal.
LYTHRACEAE									
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	-	4	2	2	Cf, Se	Decocção, maceração.	Garganta inflamada, rouquidão, afta.
MALPIGHIACEAE									

Continuação...

Continuação.

<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	E	2	4	1	2	Fr	Sumo.	Gripe, resfriado.
MINOSACEAE									
<i>Acacia riparia</i> Kunth	Unha de gato	N	-	4	-	-	Cc	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
MYRTACEAE									
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	E	-	-	1	1	Fo	Infusão.	Má digestão.
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	E	-	-	3	-	Fo, Fr	Infusão, maceração.	Diarreia, inflamação na boca e garganta.
OLACACEAE									
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	N	1	-	2	3	Cc, Fo	Decocção, infusão, maceração.	Anti-inflamatório, cicatrizante.
PASSIFLORACEAE									
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	N	-	4	-	1	Fo	Infusão.	Sedativo.
PHYLLANTHACEAE									
<i>Phyllanthus niuri</i> L.	Quebra pedra	N	2	4	3	2	Ra	Decocção, maceração.	Analgésico, diurético, calculo renal, cólica.
POACEAE									
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	E	2	3	5		Fo	Infusão.	Calmante, cólica.
RHAMNACEAE									
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	N	5	5	2	3	Cc, Fr, Fo	Decocção, infusão, pó.	Higiene bucal, caspa, cicatrizante, azia, gripe, febre.
RUBIACEAE									
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	N	-	-	4	3	Fo, Cc, Fr	Infusão, cataplasma.	Calculo renal, constipação, pancada, fratura.
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey	Vassoura de botão	N	-	3	-	-	Ra	Maceração.	Infecção urinaria, tosse, gripe.
RUTACEAE									

Continuação...

Continuação.

<i>Citrus maxima</i> (Burm. Ex Rumph.) Merr.	Laranja	E	-	3	3	-	Fo, Cc, Fr	Decocção, infusão, lambedor, sumo.	Gripe, resfriado, calmante, má digestão.
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	E	-	2	2	-	Fo	Infusão, maceração.	Abortiva, vermes, dor de ouvido, problemas menstruais
SAPOTACEAE									
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Shul.) T.D. Penn	Quixaba	N	3	2	-	-	Cc	Decocção, infusão.	Diabetes, anti-inflamatório.
SOLANACEAE									
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	N	2	-	2	-	Fo, Ra	Decocção.	Câncer de próstata, gastrite, anemia.
<i>Solanum melongena</i> L.	Berinjela	E	-	-	4	-	Fr	Maceração.	Colesterol alto.
URTICACEAE									
<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga	E	-	3	3	1	Ra	Maceração	Calculo renal.
VERBENACEAE									
<i>Lippia Alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	N	2	3	2	-	Fo, Fl	Decocção, infusão.	Calmante, febre.
XANTHORRHOEACEAE									
<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. F.	Babosa	E	-	5	4	-	Fo	Cortar e retirar a baba.	Cicatrizante, nutrição do cabelo, queimadura, hemorroidas, má digestão.
ZINGIBERACEAE									
<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	E	2	2	-	-	Ra	Mastigar a raiz.	Anti-inflamatório, rouquidão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades Marfim, Lagoa da Mata, Marcação e Bacalhau, pode-se observar que a maioria dos informantes são agricultores e aposentados que moram distante da sede do município de Jacaraú, Paraíba, sendo estes, detentores de relevantes conhecimentos tradicionais relacionados às espécies, e etnobotânicos, sendo estes, conhecimentos repassados de geração em geração através dos parentescos de pessoas mais velhas e agricultores residentes nestas comunidades que utilizam-se destas espécies estudadas, para fins fitoterápicos.

Foram constatadas pelos informantes cerca de 60 espécies e 40 famílias, sendo citada como valor de importância e versatilidade a *Hymenaea courbaril* (Jatobá) na cura de diversas enfermidades em todas as 4 comunidades. Seguida da *Handroanthus impetiginosus* conhecida popularmente por pau d'arco roxo e *Anacardium occidentale* (caju) entre outras, com menores valores de importância, mas que vem sendo também utilizadas pelas comunidades.

Quanto às partes utilizadas, constatamos que as folhas apresentaram maiores valores quanto seu uso, seguida das cascas, frutos, sementes e raízes. Com referência as formas de preparo de chás para uso fitoterápicos, estes tem sua elaboração com base na decocção, infusão, maceração seguido de lambedores e emplastos.

Podemos concluir ainda que, apesar da existência do posto de saúde, em algumas comunidades mais distantes da sede municipal, os diversos usos das plantas são resgatados e atuam como fitoterápicos capazes de atender as necessidades urgentes destas populações.

Outro ponto a ser destacado é de que estas espécies vêm sofrendo pressão pelo fluxo do uso, o que ocasionará no futuro, sua extinção. Visto que, não existe nesta área um manejo adequado para este tipo de extrativismo vegetal, principalmente no tocante as plantas medicinais.

Porém, sabemos que é de inteira responsabilidade dos órgãos competentes a ação de viabilizar a preservação destas espécies, visto que, nem sempre os programas governamentais atingem todos os quadrantes deste bioma que se encontra fragilizado pelas suas ineficácias quanto aos projetos que viabilizem a conservação dos recursos naturais da caatinga.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p. 93.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S.; MONTEIRO, J. M.; LINS NETO, E. M. F.; MELO, J. G.; SANTOS, J. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 114, p. 325–354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALMEIDA, M. Z. de. **Plantas medicinais**. - 3. ed. - Salvador : EDUFBA, 2011. 221 p.
- ALVES, C. A. B. **Etnobotânica e distribuição local de espécies da família anacardiaceae no semiárido do Brasil**. Areia, 2015. 118 p. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Areia, 2015. [Orientador: Dr. Jacob Silva Souto].
- ALVES, C. A. B.; SILVA, S.; BELARMINO, N. A. L. A.; SOUZA, R. S.; SILVA, D.R.; ALVES, P. R. R. 2017. 2016. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, 10(4): 390-417.
- ANDRADE, A. L.; MIOTTO, S. T. S.; SANTOS, É. P. dos. **Asubfamília Faboideae (Fabaceae Lindl.) no Parque Estadual do Guartelá, Paraná, Brasil**. *Hoehnea* 36(4): 737-768, 2009.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (eds). **Plantas medicinais: arte e ciências. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 47-48.
- AMOROZO, M. C. M., MING, L. C.; SILVA, S. M. P. 2002. Interdisciplinaridade na pesquisa científica – extratos da mesa redonda. In: **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, eds. Rio Claro: CNPq/UNESP. p. 181-204.
- BATISTA, A. A. de M.; OLIVEIRA, C. R. M. **Plantas Utilizadas em uma Comunidade do Semiárido Baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental**. ENCICLOPEDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v.10, n. 18; p. 74, 2014.

BATTISTI, C. GARLET, T. M. B... [et al]. **Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil.** REVISTA BRASILEIRA DE BIOCÊNCIAS – Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348, jul/set. 2013.

BEVILACQUA, H. E. C. R. **Histórico das plantas medicinais e legislação:** Histórico das plantas medicinais. HARAGUCHI & CARVALHO (Org.). Plantas Medicinais: do curso de plantas medicinais. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. Cap. 2, p. 36 -40.

BFG – The Brazilian Flora. Group. Growing Knowledge: na overview of seed plant universiy in Brazil. Rodriguesia. V.66, n.4, p. 1085-1113, 2015.

CAMPOS, K. G. **Fabaceae (Mimosoideae) em áreas de afloramentos rochosos no município de Patos, Nordeste do Brasil.** Patos, 2016. 45f.: il. color.

CARTAXO, S. L. **Diversidade e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga em Aiube – CE, Brasil /** Sarahbelle Leitte Cartaxo. – Crato-CE, 2009. 103 p. Dissertação (Mestrado em Bioprospecção Molecular da Universidade Regional do Cariri – URCA).

CARVALHO, F. R. C; LELIS, A. G. S. **Conhecimento Tradicional:** saberes que transcendem o conhecimento científico. 2014. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. **Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil.** Ver. Bras. PL. Med., Campinas, v. 16, n.3, supl. I, p. 685-692, 2014.

CPRM – **Companhia de Recursos Minerais. Diagnóstico do município de Jacaraú estado da Paraíba/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DIEGUES, A. C.; VIANA, V. M. (Org.). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Adântiea:** coletânea de textos apresentados no Seminário alternativo de manejo sustentável de recursos naturais do Vale do Ribeira, realizado entre 15 e 19 de junho de 1999 - 2. ed. - São Paulo : HUCITEC : NUPAUB : C E C , 2004 il.

EMBRAPA. **Preservação e uso da Caatinga /** Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa Semiárido. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 39 p.: Il. – (ABC da Agricultura Familiar, 16).

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. de F. B... [et al]. **Plantas Medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sitio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil.** REVISTA BRASILEIRA DE BIOCÊNCIAS - Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, jan/mar. 2012.

GANDOLFO, E. S. **Etnobotânica e urbanização:** conhecimento e utilização de plantas de restinga no distrito do Campeche (Florianópolis, SC). Florianópolis, 2010. 94 p. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2010. [Orientadora: Dra. Natalia Hanazaki].

GARIGLIO, M. A. [et al.], organizadores. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga**. Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. 368p.

GIULIETTI, A. M.; HARLEY, R. M.; QUEIROZ, L. P.; BARBOSA, M. R. V.; BOCAGETE NETA, A. L.; FIGUEIREDO, M. A. Espécies endêmicas da caatinga. In: SAMPAIO, E. V. S. B.; GIULIETTI, A. M.; VÍRGINIO, J.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L. (Eds.) **Vegetação e Flora da Caatinga**, Associação Plantas do Nordeste. Recife: Centro Nordestino de Informação sobre plantas, p. 103-118, 2002.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. **Tratado de plantas medicinais** [recurso eletrônico]: minerais, nativas e cultivadas / Telma Sueli Mesquita Grandi. – 1. ed. – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte: Adequatio Estúdio, 2014. 1204 p.: il.

HARAGUCHI, L. M. M.; CARVALHO, O. B. de. (Org.). **Plantas Mediciniais**: do curso de plantas medicinais São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. 248 p., il.

IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Monitoramento do Bioma Caatinga 2002 a 2008**. Brasília: Centro de Informação, Documentação Ambiental e Editoração Luís Eduardo Magalhães (CID-Ambiental), 2010.
IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2010.

JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A.; STEVENS, P. F.; DONOGHUE, M. J. 2009. **Sistemática Vegetal**: um enfoque filogenético. 3ª Edição, Artmed.

KFFURI, C. W. **Caderno das nossas plantas medicinais**: instruções práticas e preparações tradicionais da fitoterapia brasileira. – CNPq, 2011, p. 58.

LIMA, H. C. 2000. Leguminosas arbóreas da Mata Atlântica: uma análise da riqueza, padrões de distribuição geográfica e similaridades florísticas em remanescentes florestais do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

LOIOLA, M. I. B.; ROQUE, A. de A.; OLIVEIRA, A. C. P de. Caatinga: Vegetação do semiárido brasileiro. **Ecologi@**, Lisboa, v. 4, n. 14, p.14-19, 2012.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA, V.E. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.23, n.3, p. 429-438, 2002.

MARTINS, R. da C. **Plantas medicinais da Caatinga**: uso e conhecimento popular em área urbana do município de Juazeiro – BA. 2012. 59f. (Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro). Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Juazeiro – Bahia, 2012.

MARTINS, E.R. et al. **Plantas Mediciniais**. Viçosa: Editora Universidade / UFV, 2000.

OLIVEIRA, G. L. de. **Etnobotânica nordestina**: plantas medicinais da comunidade Muribeca (Jaboatão dos Guararape-PE, Brasil). 2007. 84f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2007. [Orientadora: Dr^a Laise de Holanda Cavalcanti Andrade].

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza:** uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 22, p. 37-50, jul/dez, 2010. Editora UFPR.

POSSEY, D. A. **Etnobiologia: teoria e prática.** In: Ribeiro, B. (org). *Suma etnológica brasileira – 1. Etnobiologia.* Petrópolis, Vozes/Finep, pp. 15-25. 1987.

PRADO, DARIÉN E. As Caatingas da América do Sul. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Eds.). **Ecologia e conservação da caatinga.** 2ª ed. Recife: Editora da UFPE, 2005, p. 3-73.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. **Etnobotânica:** um instrumento para a valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan/jun. 2015.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. **Uso e diversidades de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil).** *REVISTA BRASILEIRA DE PLANTAS MEDICINAIS – Botucatu*, v. 12, n. 1, p. 31-42. 2010.

REDDY, S. J. Climatic classification: the semiarid tropics and its environment – a review. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 18, p. 823-847, 1983.

SAMPAIO, E. V. S. B. Caracterização da caatinga e fatores ambientais que afetam a ecologia das plantas lenhosas. In: SALES, V. C. (Org.). **Ecossistemas brasileiros:** manejo e conservação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2003. p. 129-142.

SILVA, J. D.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. D.; LINS, L. V. **Biodiversidade da Caatinga:** áreas e ações prioritárias para a conservação. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2004.

ANEXOS

ANEXOS

Formulário Geral Etnobotânico

1. Identificação

Local: _____
 Data/Hora: _____
 Identificação: _____ Nº Gravação (se houver): _____
 Nome completo: _____
 Idade: _____ Apelido: _____ Tempo de Residência no
 Local: _____

2. Socioeconômico

Renda Familiar: _____ Renda Pessoal: _____
 Ocupação(ões): _____
 Grau de Escolaridade:
 Analfabeto [] | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome [] apenas lê [] lê e
 escreve com dificuldade []
 Fundamental: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Médio: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Superior: [] Incompleto (_____) [] Completo
 Habitação: Própria [] Alugada [] Outra situação []

3. Questões Gerais:

1. Sobre a flora local.
 - 1.1 Quais plantas ocorrem aqui?
 - 1.2 Quais usos são atribuídos a cada uma?
 - 1.3 Você utiliza essas plantas? Quais?
 - 1.4 Qual dessas plantas prefere utilizar das citadas?
 - 1.5 Onde é coletada e se cultiva?
 - 1.6 Onde é cultivada?
- 1.7 Quais servem para fins medicinais e todos os seus detalhes (pessoas)?
 - Qual parte utilizada?
 - Modo de Preparo?
 - Contra indicação?
 - Tratar qual tipo de doença?
- 1.8 Você aprendeu com quem esse conhecimento? Ensina a alguém?
- 1.9 Esse uso da planta você pratica atualmente ou apenas conhece e sabe de seu Potencial utilitário (pergunta para todas as categorias)?
- 2.0 Você pode informar se na comunidade existe um grande especialista em plantas?
- 2.1 O senhor (a) prefere usar o remédio de farmácia ou caseiro?

2.2 Qual a atuação dos agentes de saúde?

2.3 Quando senhor (a) tá doente procura um especialista local?